

# A Transformação da Relação do Homem com a Morte



Felipe Correa Guandalini  
2010

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
CÂMPUS CURITIBA  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**FELIPE CORREA GUANDALINI**

**AS TRANSFORMAÇÕES DA RELAÇÃO DO HOMEM COM A MORTE**

**CURITIBA  
2010**

**FELIPE CORREA GUANDALINI**

**AS TRANSFORMAÇÕES DA RELAÇÃO DO HOMEM COM A MORTE**

Monografia apresentado ao Curso de Especialização em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná Câmpus Curitiba como requisito à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Renata Cunha Wenth

**CURITIBA  
2010**

**FELIPE CORREA GUANDALINI**

**AS TRANSFORMAÇÕES DA RELAÇÃO DO HOMEM COM A MORTE**

**Artigo apresentado ao Curso de Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná Câmpus Curitiba, como requisito à obtenção do título de Especialização.**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Renata Cunha Wenth  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Jussara Maria Janowski Carvalho  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

---

Prof. Nélio Pereira da Silva  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Curitiba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010

## **AGRADECIMENTOS**

A todas as pessoas que contribuíram para a reflexão e realização deste trabalho, pois sem a ajuda destes, este trabalho não seria possível.

Minhas sinceras considerações:

À professora Renata Cunha Wenth (orientadora) pelo apoio e colaboração na ampliação do conhecimento.

À professora Dra. Jussara Maria Janowski Carvalho (coordenadora) pela dedicação e confiança.

Aos colegas da Especialização, pela amizade e auxílio.

Por fim, aos meus pais e familiares pela paciência e incentivo nos momentos de maior necessidade.

### **Desculpem, mas se morre**

Morreu o grande Guimarães Rosa, morreu meu belo Carlito, filho de meus amigos Lucinda e Justino Martins, morreu meu querido cunhado, o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Mozart Gurgel Valente, morreu o filho do Dr. Neves Manta, morreu uma menina de 13 anos do meu edifício deixando a mãe tonta, morreu o meu tonitruante amigo Marino Besouchet. Desculpem, mas se morre.

Clarice Lispector

## RESUMO

O tema apresentado tem por objetivo discutir, com base na psicologia analítica, a transformação da relação do homem com a morte a partir de seu desenvolvimento histórico e cultural. Visando compreender por qual viés esta transformação ocorre. O fato de ter acontecido, durante o desenvolvimento da humanidade, uma diferenciação perceptível no fato de como o homem encara a morte, torna pertinente uma reflexão sobre como este relacionamento influencia direta/indiretamente na existência da humanidade. Como metodologia, foi utilizada uma revisão bibliográfica de relatos históricos e reflexões dos principais pensadores nas determinadas épocas, compreendendo um período entre o Antigo Egito até a contemporaneidade. Cada cultura tem sua maneira de imaginar ou contar suas histórias, desenvolvendo as características particulares de diferentes civilizações, desde as mais antigas como as atuais. O fato de hoje a morte ser banalizada pela civilização moderna difere muito das civilizações antigas, pois os indivíduos aceitavam a morte como parte do destino de suas vidas. A psicologia analítica reconhece a morte como uma etapa do processo do desenvolvimento humano, para que seu todo esteja completo, ou seja, a morte é parte do processo de individuação.

**Palavras-chave:** Morte. Teoria Junguiana. Teoria da Psicologia Analítica. Humanidade.

## ABSTRACT

The present theme intends to discuss, based on analytic psychology, the transformation of man's relationship with death from his historical and cultural development, trying to understand how this transformation occurs. Through humanity's development, a noticeable differentiation happened on how men face death, becoming relevant a reflection about how this relationship influences directly/indirectly on humanity's existence. A review of historical accounts and reflections of the leading thinkers in previous ages was used as methodology, covering a period between Ancient Egypt to the contemporary world. Each culture has its own way to imagine or tell their stories, developing the particular characteristics of different civilizations, from past to present. The fact that nowadays death is trivialized by modern civilization differs a lot from the past, because individuals accepted death as part of the destiny of their lives. Analytic psychology recognizes death as a step in the process of human development to become complete. In other words, death is a part of the individuation process.

**Key-words:** Death. Jungian Theory. Psychoanalytic Theory. Humanity.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	2
2. QUESTÃO DA MORTE NA ANTIGUIDADE.....	4
3. A MORTE NA ATUALIDADE.....	20
4. MORTE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	35
5. ANÁLISE DA TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO DO HOMEM COM A MORTE.....	46
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55



## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta revisão bibliográfica é discutir, com base na psicologia analítica, sobre a transformação das relações do homem com a morte a partir de seu desenvolvimento histórico. De que forma esta relação homem/morte foi sendo transformada na medida em que as civilizações mudavam, pois para KOVÁCS (1992, p. 53) a visão da morte e o que aparece de mais temido está diretamente ligado ao contexto histórico e sócio-cultural.

O interesse por este assunto surgiu a partir de experiência em assistência psicológica a pacientes internados em situação pré-cirúrgica de cirurgia cardiovascular de hospital geral público. Nesta situação, que antecede uma cirurgia cardíaca, o paciente está em uma situação de risco de vida, conseqüentemente de proximidade de morte. A constante negação do relacionamento com a morte chama a atenção para o fato de na atualidade este assunto ser quase totalmente ignorado, sendo que nas culturas mais antigas a visão era distinta.

No primeiro momento, constituindo o primeiro capítulo, será feito um levantamento histórico/filosófico sobre a morte em épocas que foram importantes para o desenvolvimento da humanidade, dentre eles: o Antigo Egito, o pensamento filosófico da Grécia Antiga, a Idade Média, o Renascimento e o Iluminismo. Os homens, na tentativa de lidar com o confronto com a morte, passaram a criar diversas manifestações culturais, entre elas: rituais, celebrações, cultos, rezas (CALLIA, 2005, p. 9).

O segundo capítulo tratará da questão da morte na modernidade. Como as civilizações estão lidando com o fato da morte nos dias atuais. Pois o lugar e o pensamento sobre a morte se modificaram ao passar do tempo, acompanhando o desenvolvimento social e econômico.

No terceiro capítulo será discutido o entendimento sobre a morte no âmbito da psicologia analítica, para que seja possível uma melhor compreensão sobre o tema abordado. JAFFÉ (1995, p. 11) cita que a “vida significa ascensão e queda, desenvolver-se e definir e, diante desta totalidade de vida-e-morte, ‘deve-se ainda perceber como é grande a semelhança entre o desejo de viver e o desejo de morrer’”. Só permanece vivo quem estiver disposto a morrer com a vida.

No quarto e último capítulo estas transformações nas relações do homem com a morte observadas na história serão discutidas sob a perspectiva da psicologia analítica. Analisando o viés psicológico pelo qual esta transformação ocorreu.

## 2. QUESTÃO DA MORTE NA ANTIGUIDADE

A morte passou a ocupar uma posição básica na existência da humanidade. O homem é o único ser vivo que pensa a sua existência, conseqüentemente, na sua morte. “Entre 63.000 e 48.000 anos atrás, no Paleolítico Superior<sup>1</sup>, um aspecto fundamental parece ter surgido no comportamento do homem moderno, que foi o sepultamento com características ritualísticas” (CALLIA, 2005, p. 8-9).

Em períodos antigos as práticas de rituais de sacrifício eram tão comuns quanto às de iniciação. “Através da magia do sacrifício e da iniciação o homem primitivo começa a ‘dominar’ o grande impacto do nascimento e da morte” (ANJOS, 1998, p. 4). De toda a vida do homem, essas duas fases são as mais enigmáticas do ponto de vista de sua compreensão.

Todas as sociedades, desde as mais antigas até as atuais, criaram diversos sistemas fúnebres pelos quais podiam se entender com a morte em seus aspectos pessoais e sociais. KOVÁCS (1992, p. 2) relata que desde o tempo dos homens das cavernas há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas, também, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio.

“[...] A espécie humana é a única para a qual a morte está presente durante a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos” (MORIN, 1997, p. 13).

Sobre o renascimento, ANJOS (1998, p. 4) explica que na visão dos povos primitivos a morte é afrontada como “morte-renascimento”, pois a cada ser que morre, renasce outro ser vivo, podendo ser criança ou animal, portanto o renascimento seria universal.

A partir desta crença, podemos perceber que desde os primórdios da civilização já se buscava uma justificativa para comprovar que a morte não é um fim. O sepultamento se torna um meio de preparar o defunto para um outro mundo, ou para um outra vida depois da morte.

Apesar disto, “quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos

---

<sup>1</sup> O Paleolítico Superior é um conceito que abrange o fim do Paleolítico Médio e início do Mesolítico. Nele foram encontrados anzóis primitivos, machados de mão, agulha de osso, entre outros. É também caracterizado pela magia simpática, praticada pelo Homem daquele período, e pela pinturas em rochas.

antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 14).

Apesar de os homens temerem a morte, eles encontravam maneiras peculiares de se relacionarem com ela. Os sistemas fúnebres foram se modificando e sofisticando na medida em que ocorria o desenvolvimento sócio-cultural. Porém cada cultura desenvolveu seus sistemas fúnebres de modo característico.

“Mitos e ritos sobre a morte são incontáveis; todas as culturas criam uma forma especial de imaginar e contar a própria versão, estruturando as características coletivas das diferentes civilizações” (CALLIA, 2005, p. 9).

Portanto as diferentes manifestações da morte aparecem, principalmente, pela diferenças culturais de uma sociedade para outra, pela particularidade que cada uma possui.

Assim sendo, “[...] cada sociedade pode desenvolver uma idéia característica do que a morte é, baseando-se em sua combinação particular de condições de vida [...] e em sua resposta às circunstâncias da morte [...]” (KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p. 154).

Para CALLIA (2005, p. 9) os rituais fúnebres se desdobram em outros ritos com significados, detalhes e funções específicas, trazendo as diversas possibilidades que a morte evoca, dependendo das crenças, das condições ambientais, políticas e socioeconômicas de cada povo.

“Os ritos fúnebres são muitos e variados, e evoluem não só com os costumes regionais, mas também com a idade, o sexo e a posição social do defunto. Todas as sociedades arcaicas mostram que o homem, ao tomar consciência da morte, procura a desintegração do envoltório carnal, pratica ritos que provam sua crença no além e procura facilitar o acesso a uma nova vida. Na época do homem e Neandertal, o morto era posto em posição fetal, como no instante de seu nascimento” (BAYARD, 1996, p. 43).

A conscientização da morte proporcionou ao homem maneiras de se relacionar com ela, sendo que algumas condições influenciam diretamente nas manifestações dos ritos. Apesar de existir diversificação da manifestação perante a morte nas diferentes culturas, ainda assim, permanecem características comuns em todas elas.

“Há grande diferença a observar nas várias sociedades focalizadas.

Entretanto, certas condições básicas de existência prevalecem na maioria das sociedades, desde épocas remotas até pelo menos os primórdios de nossa era” (KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p. 150).

Contudo, os autores propõem quatro condições que contribuíram significativamente para o contexto da vida do qual emergiram as interpretações sobre a morte. São elas: expectativa de vida, ver-se em presença da morte; possuir reduzido controle sobre as forças da natureza; status do indivíduo.

“Nem todas as condições ora mencionadas tinham igual predomínio em dada sociedade em um momento particular de sua história. Mas parece que estes fatores propiciaram importante parte do contexto para as primeiras interpretações da morte” (KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p. 151).

Um dos ritos fúnebres presentes em diversas culturas antigas é o funeral. Ele marca a separação dos vivos dos mortos, mas muitas vezes isto não basta. Também se encontram diversos ritos de incorporação ao mundo dos mortos. Outros rituais são organizados visando às preparações do defunto, pois o morto deve estar limpo e bem apresentado para a sua passagem ao outro mundo.

Outro tipo de rito é aquele que homenageia a morte, lembrando o valor da morte para a vida, pois reeditam os mitos e a espiritualidade das culturas, servem também para o encaminhamento final das almas, para o término do luto, e principalmente para a lembrança do ancestral que se foi (CALLIA, 2005, p. 10).

A preocupação com a alma do morto depois da morte estava presente, mas também com os sentimentos daqueles que ficavam. O ritual fúnebre proporcionava uma elaboração do luto a partir de sua manifestação.

No entanto as considerações sobre o problema da morte, sentido da vida e suas decorrências em determinadas sociedades, podem estar apoiadas tanto nas crenças expressas pela literatura como nos costumes de sepultamento e demais expressões de culto e rito relativos à morte. Os rituais funerários têm o que dizer sobre como nos sentimos diante da morte, revelando alguma função social na tradição conservada ao longo das gerações (REIS, 2005, p. 30).

No Antigo Egito, mas especificamente na época do Império Novo, que teve início por volta de 1550 a.C. e termina em 1070 a.C., o Livro dos Mortos era usado com o objetivo de ajudar o morto em sua viagem para o outro mundo, afastando eventuais perigos que este poderia encontrar na viagem para o Além. Eram escritos em rolos de papiro e colocados junto às múmias.

A idéia central do *Livro dos Mortos* é o respeito à verdade e à justiça, mostrando o elevado ideal da sociedade egípcia. Era crença geral que diante da deusa Maat<sup>2</sup> de nada valeriam as riquezas, nem a posição social do falecido, mas que apenas os atos seriam levados em conta. Foi justamente no Egito que esse enfoque de que a sorte dos mortos dependia do valor da conduta moral enquanto vivo ocorreu pela primeira vez na história da humanidade.

“Os egípcios da antiguidade desenvolveram um sistema bastante explícito e detalhado. Seu *Livro dos Mortos*, à semelhança de seu equivalente tibetano com o mesmo título<sup>3</sup>, traçava as linhas mestras de um amplo sistema mortuário, embora quase sempre sob a forma de prescrições para as práticas fúnebres. Este sistema ensinava [...] uma abordagem relativamente integrada que permitiria aos membros individuais sentir e agir em relação à morte de maneira considerada apropriada e eficiente. O sistema egípcio oferecia uma visão explícita do mundo, patrocinada pelas autoridades governamentais, partilhada pela comunidade, e vinculada ao comportamento individual em termos específicos. Dentro deste sistema, a crença do indivíduo era a crença da sociedade. Ele não está sozinho. E ele tinha ações de relevo a desempenhar na situação fúnebre total, desde o processo agônico até aos cuidados com os mortos” (KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p. 152).

Um indivíduo cultuava algo que estava diretamente ligado ao que toda uma comunidade compartilhava, a um todo. Diante deste todo, cada um tinha um papel específico nas manifestações do sistema fúnebre. A morte de cada membro desta comunidade era sentida por todos.

“A morte não termina apenas com a vida corporal do indivíduo; também destrói o ser social enxertado no indivíduo físico e a quem a sociedade atribuía grande dignidade e relevo. Sua destruição equivale a sacrilégio, implicando em intervenção de poderes com a mesma magnitude dos poderes da comunidade mas de natureza negativa. Assim, quando um homem morre, a sociedade perde com ele muito mais que uma unidade; ela é golpeada no próprio princípio que lhe fundamenta a existência, na fé que

---

<sup>2</sup> Na mitologia egípcia, Maat é a deusa da Justiça e do Equilíbrio.

<sup>3</sup> Escrito no século VIII a.C., o Livro Tibetano dos Mortos é um livro para quem morre. Um mapa da jornada que será feita após a vida.

tem em si mesma” (Hertz<sup>4</sup> apud KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p. 153).

Os autores complementam que o sistema mortuário egípcio surgiu em uma sociedade que havia atingido um nível relativamente alto de desenvolvimento intelectual e tecnológico.

A cultura na Grécia Antiga, 776 a.C. - 323 a.C., era muito diversificada, muito rica e cheia de influências entre seus próprios aspectos, sendo importante em todas as épocas, até hoje. O pensamento filosófico era o principal meio de reflexão sobre a morte. Neste período viveram diversos pensadores que até os dias atuais causam grande influência no pensamento ocidental. E a morte, lentamente, ocupava suas reflexões.

“A filosofia, afirmava Platão<sup>5</sup>, não é senão uma meditação para a morte. Toda vida filosófica, escreveu depois Cícero<sup>6</sup>, é uma preparação para a morte. Vinte séculos depois Santayana<sup>7</sup> disse que ‘uma boa maneira de provar o valor de uma filosofia é perguntar o que ela pensa a respeito da morte’. Uma filosofia não se reveste de uma total seriedade enquanto não se defrontar com a questão da morte; pode-se pensar, inclusive, que sem a morte o homem talvez jamais tivesse começado a filosofar. Ela seria o verdadeiro gênio inspirador, o substrato fundante de todo o pensamento filosófico” (MARANHÃO, 1998, p. 62-63).

O pensamento filosófico contribuiu para o homem grego pensar sobre a morte, assim como a morte também serviu de inspiração para a filosofia. A partir disto os gregos principiaram as idéias sobre a relação do homem e a morte.

Alguns filósofos não pensaram a morte como o fim do homem, mas como uma passagem para o desconhecido. Outros, mais realistas, a pensaram como o último acontecimento, uma experiência única e inevitável, colocando o ponto final na vida. Porém a grande contribuição da Grécia Antiga foi o de admitir que o homem fosse um ser capaz de autoconhecimento, podendo assim se modificar através do

---

<sup>4</sup> Hertz, Robert. **Death and the right hand**. Nova York: The Free Press. 1960.

<sup>5</sup> Platão (em grego: Πλάτων, Atenas, 427 a.C. - Atenas, 347 a.C.) foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga.

<sup>6</sup> Marco Túlio Cícero (em latim: Marcus Tullius Cicero, Arpino, 106 a.C. - Formia, 43 a.C.) foi um filósofo, orador, escritor, advogado e político romano.

<sup>7</sup> George Santayán (Madri, 1863 - Roma, 1952) foi um filósofo, poeta e ensaísta espanhol.

autocontrole e da educação (ANJOS, 1998, p. 4-5).

Para os gregos anteriores ao século V a.C. o nada era algo praticamente inconcebível. Nada poderia ser gerado do nada, nada poderia tornar-se nada. Essa idéia ganhou formulação na filosofia de Parmênides de Eléia<sup>8</sup>. “O impacto dessa suposição no inquieto ambiente intelectual grego está ligado ao desenvolvimento da lógica, bem como a investigação do mundo físico [...]” (REIS, 2005, p. 31).

Partindo desta idéia, Homero<sup>9</sup>, que viveu no séc. VIII a.C., profere que morrer não poderia significar o deixar de ser em sentido absoluto, o tornar-se nada. Para ele:

“[...] a notícia da morte equivale à fórmula ‘fulano desceu à mansão de Hades<sup>10</sup>. A morte é entendida como o momento em que a alma (isto é, a *psykhê*, que nunca foi notada em vida) deixa o corpo. *Psychê* designa algo que se assemelha ao ar, ao alento que se manifesta na respiração do ser, ao sopro vital e necessário para o seu ânimo. A base dessa noção é uma evidência: no momento da morte deixamos de respirar, perdemos calor e vitalidade. O sopro vital que escapa pela boca [...]” (REIS, 2005, p. 33).

A morte não era um fim sem sentido, não acaba em um nada, assim também como o nascimento. Algo permanecia após a morte do corpo, para viver em um Mundo Inferior, no Mundo regido por Hades. Lá “[...] as almas dos mortos vagam indiferentes, ociosas e sem energia: sobrevivem a seus corpos sensíveis correlatos somente como a imagem do ser vivo reproduzido em um espelho” (REIS, 2005, p. 34).

Hesíodo<sup>11</sup> em sua obra *Os trabalhos e os dias*<sup>12</sup> “[...] nos mostra [...] a organização do mundo dos mortais, apontando sua origem, suas limitações, seus

---

<sup>8</sup> Parmênides de Eléia (530 a.C. - 460 a.C.) nasceu em Eléia, hoje Vélia, Itália. Foi o fundador da escola eleática.

<sup>9</sup> Homero (em grego: Ὅμηρος) foi um lendário poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia*.

<sup>10</sup> Hades (em grego antigo: ᾍδης), na mitologia grega, é o deus do Mundo Inferior e dos mortos.

<sup>11</sup> Hesíodo (em grego: Ἡσίοδος) foi um poeta da Grécia Antiga. Nasceu, viveu e faleceu em Ascra, no fim do século VIII a.C..

<sup>12</sup> Este poema se divide em duas partes: na primeira (1-382), Hesíodo apresenta uma série de referências míticas, relacionadas com o trabalho e a justiça, depois os mitos de Prometeu e de Pandora e o célebre mito das cinco “raças” da humanidade, que relata a passagem da vida paradisíaca dos primeiros homens, que conviviam com os deuses, à vida dura e sofrida dos tempos atuais. Na segunda parte (383-828), o poeta dá conselhos práticos para a vida agrícola e apresenta vários preceitos morais.



deveres, revelando-nos, assim, em que se fundamenta a própria condição humana (LAFER, 1990, p. 15).

Neste texto ele expõe que as condições de viver e de morrer das diversas raças de homens sofreram alteração ao longo do tempo (REIS, 2005, p. 36). Já no século VIII a.C. havia a percepção que a relação do homem com a morte já tinha passado por algum tipo de mudança.

Em seus textos o mundo é revelado como uma série de manifestações divinas que configuram forças supremas. “O Deus é uma presença constituindo um domínio: tanto um âmbito espaço-temporal como um conjunto de encargos, funções e atribuições” (REIS, 2005, p. 38). Os Deuses estavam presentes durante toda a vida.

ANJOS (1998, p. 6) conta que Platão foi um dos primeiros filósofos que se interessou pelo sentido da morte. Sua reflexão defende que a morte é a extinção do corpo, mas a alma continuaria a viver.

Morrer consiste na separação do corpo e da alma. A filosofia experimenta desligar o ato do raciocínio da alma das perturbações sensoriais do corpo. A filosofia então é uma preparação para morte. Portanto o conhecimento puro é impossível enquanto perdurar a união entre corpo e alma. Dessa forma ou nunca alcançaríamos a sabedoria, ou só a teríamos depois da morte (REIS, 2005, p. 48).

Platão relatou que na defesa que Sócrates fez diante dos juízes da cicuta, ele pareceu agnóstico acerca do que sucede a morte. Porém quando os discípulos o encontraram no dia da execução, têm diante de si um homem feliz. Sócrates revelava um misto de prazer e dor. “A morte [...] é algo que não assustava Sócrates<sup>13</sup>, nem mesmo diante da cicuta”. Platão interpretou este momento dizendo que a morte é como uma noite sem sonhos ou há qualquer coisa depois dela (REIS, 2005, p. 47-48).

“Sócrates tinha um conceito otimista da natureza e da dignidade humana. Ele considerava o homem um ser privilegiado entre os outros seres do mundo por que este, possuía a razão, podendo assim adquirir cultura e comparou a morte a um sonho, ou seja, a alma sobreviveria como uma sombra, sem sensações e sem vontade; a morte tornava-se assim, a passagem deste mundo a outro melhor, onde reinaria a paz, o amor a

---

<sup>13</sup> Sócrates (em grego antigo: Σωκράτης, Atenas, 469 a.C. – Atenas, 399 a.C.) foi um filósofo ateniense, um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental.

justiça entre todos” (ANJOS, 1998, p. 5-6).

ANJOS (1998, p. 6) completa expondo que o grande argumento é o da espiritualidade do ato intelectual, pois existe no homem uma atividade que conhecemos como o Bem, o Belo, o Justo, o Santo, etc. Essas realidades não podem ser atingidas pelos sentidos, somente pelo intelecto. Sendo Platão dualista, ele acreditava em uma vida própria do espírito, se realizando por si, independente do corpo.

Foi “diante da dúvida e da tristeza dos amigos, em uma última conversa Sócrates apresenta-lhes argumentos em defesa da imortalidade da alma” (REIS, 2005, p. 48). Platão desenvolveu em sua filosofia os aspectos mais abstratos do socratismo. A doutrina da imortalidade da alma é uma premissa essencial da teoria platônica.

No entanto MORIN (1997, p. 26) atenta para o fato de que ao mesmo tempo “[...] que se pretenderá imortal, o homem designar-se-á a si próprio como mortal. Assim a mesma consciência nega e reconhece a morte, nega-a como aniquilamento, reconhece-a como acontecimento” (MORIN, 1997, p. 26).

Na América Latina temos exemplos apreciáveis de povos antigos que possuíam rituais a respeito da morte. BAYARD (1996, p. 117-118) cita que para “os maias (600-950 d.C.), as almas dos mortos vão para lugar de acesso difícil, subterrâneo e com vários níveis; o defunto deve ser provido de oferendas. São construídos sepulcros, como o Templo das Inscrições em Palanque<sup>14</sup>”. A preparação para a morte tinha evidência nesta época.

O autor ainda faz referência à religião dos astecas, pois são vários os paraísos que podem receber o defunto, dependendo somente do tipo de sua morte, não dos atos feitos em vida. Por exemplo, para quem morre em combate e sobre a pedra dos sacrifícios era favorecido por *Huizilopochtli*<sup>15</sup>. Em seguida vêm as mulheres que morrem de parto ou que combateram para dar à luz um guerreiro. Somente depois de quatro anos o defunto era dissolvido, sendo queimadas suas roupas e também mulheres e escravos.

A mumificação recebeu papel muito importante nessas terras, como na

---

<sup>14</sup> Palenque é um sítio arqueológico maia situado próximo do rio Usumacinta, no estado mexicano de Chiapas.

<sup>15</sup> Este deus asteca era filho de Coatlicue (“a da saia de serpente”). O seu nome significa “O Colibri Azul à Esquerda” e era o deus da guerra, das tempestades e do sol.

Colômbia, no Peru, na Bolívia e no Chile, sendo muito praticada, em alguns locais até os dias atuais. Porém “[...] outras regiões usam meios para sepultar ligeiramente diferentes. A cremação é o modo mais difundido. O *Popol Vuh*<sup>16</sup>, livro sagrado da Guatemala, dá o tom às cerimônias funerárias” (BAYARD, 1996, p. 119).

“O Peru praticou muito a mumificação [...]. O morto, preparado com suas mais belas vestes, deve chegar ao além munido de seus bens [...]. O corpo, dobrado e agachado, joelhos encostando no queixo, antebraços dobrados ou em volta dos joelhos, imita a posição do feto” (BAYARD, 1996, p. 119).

Algumas das características básicas dos rituais de morte nestas civilizações é o fato de se preocuparem com a ressurreição, pois o morto era sempre acompanhado de seus bens e oferendas em seu sepulcro. A posição social, ou as conquistas em vida, não eram relevantes nos ritos funerários, mas sim como o indivíduo havia morrido.

“Na América do Sul encontram-se urnas de cerimônia decoradas e pintadas, com cinzas e restos incinerados ou osso humanos [...]. Para os mortos em combate preparam-se múmias artificiais de madeira, queimadas no quarto dia. Os doentes e os que morrem em consequência de acidente são enterrados profundamente, assentados” (BAYARD, 1996, p. 119).

Aqui já se encontra presente um aspecto importante na hora da morte. Como citado acima, aquele que morria de acidente ou de doença era enterrado profundamente. Pode-se considerar que este procedimento era adotado pela crença de que a morte rápida era algo a ser temido e execrado.

Alguns séculos depois, mais precisamente na Idade Média, no século XIV, o sistema mortuário era desequilibrado. Esta época é um exemplo de uma sociedade atormentada por uma morte repulsiva. Este século pode ser tido como o auge deste período. “As condições de expectativa de curto prazo de vida, presença a cenas de agonia e morte, e desamparo em meio à catástrofe nunca estiveram em maior evidência” (KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p. 154).

---

<sup>16</sup> Popol Vuh é um dos poucos livros que restaram da civilização Maia. Trata-se de uma compilação de diversas lendas provenientes de diversos grupos étnicos da atual Guatemala.

A Europa sofreu um choque intenso com um encontro súbito com a morte. A Peste Negra é a denominação pela qual ficou conhecida. A peste assolou a Europa e matou entre 25 e 75 milhões de pessoas. A guerra e a peste matavam ao mesmo tempo.

“No século catorze [...] acumularam-se mais pestes e epidemias singulares do que em qualquer outro período. Sem contar a fome que, na segunda década do século, juncou de mortos os caminhos e induziu ladrões prisioneiros a se devorarem uns aos outros [...]” (Gowen<sup>17</sup>, apud KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p. 155).

Para os autores, o sistema mortuário medieval não poderia oferecer uma defesa tecnológica eficiente. Os procedimentos médicos e quase-médicos eram, na grande maioria, inúteis, pois não abrangiam os métodos necessários de higiene e saneamento.

Porém, em uma época anterior à baixa Idade Média, muitas interpretações da morte haviam surgido. Um estudo de epitáfios gregos e latinos revela que a morte despertava uma ampla variedade de emoções e atitudes, apesar de geralmente ser encarada como um mal.

Os europeus viam a morte com seus próprios olhos, mas também pelo princípio teológico. Nem todos aceitavam esta resposta. Os fariseus agarravam-se à crença na ressurreição dos mortos, e os romanos ocupavam-se com rituais para assegurar a imortalidade. A partir disto o Novo Testamento proclama vitória sobre a morte com a ressurreição de Cristo como prova (KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p. 156-157).

A sociedade quando deparada com um intenso encontro com a morte, assim como aconteceu no século XIV, muda sua conduta diante da mesma.

“[...] A Idade Média tratou da morte como um rito de passagem para a morada definitiva da alma, a derradeira peregrinação do homem-viajante medieval (ZIERER, 2002). [...] Como o mundo dos vivos estava ligado ao dos mortos [...] a morte era encarada com tranqüilidade e resignação. [...] A morte então foi domesticada nas consciências (ARIÈS, 1989: 19-20). Pelo menos na de cavaleiros e clérigos. A morte foi esperada e reconhecida

---

<sup>17</sup> Gowen, B. S. **Some aspects of pestilence and other epidemics.** American Journal of Psychology. 1907. 18. 1-60.

(LAUWERS, 2002: 243), até mesmo desejada. Foi preciso a Idade Média chegar a seu fim para que novas formas (negativas) de compreensão da morte tomassem conta dos espíritos, como, por exemplo, o conceito de macabro, [...] que tomou conta dos afrescos e das gravuras em madeira, e exprimia a profunda angústia dos tempos da Peste Negra e da Guerra dos Cem Anos (HUIZINGA, s/d: 145-157)” (COSTA, 2009).

KASTENBAUM e AISENBERG complementam este pensamento expondo que “a experiência e representação da morte nem sempre se contém dentro de estruturas sociais existentes. Uma sociedade pode vergar quando assaltada por intenso e difuso encontro com a morte” (1983, p. 154).

A partir disto a visão teológica da morte passou a ser vista com pavor. A Igreja passou a ser uma fonte de terror e tortura, não de consolação. Agora a morte era considerada o castigo de Deus para o homem. A morte revelava suas culpas e indignidades.

“A crescente preocupação com a morte como um terror físico e teológico achou sua expressão no que chama de arte ‘pop’ do século catorze. Certamente, a morte tornou-se um objeto de percepção e de pensamento [...] familiar [...]” (KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p. 159). Portanto a morte encontra sua expressão através das artes, muitas delas teológicas. Para KOVÁCS “a morte sempre inspirou poetas, músicos, artistas e todos os homens comuns” (1992, p. 2).

Durante os séculos XV e XVI intensificou-se, na Europa, a produção artística e científica. Esse período, compreendido entre a Idade Média e o Iluminismo, ficou conhecido como Renascimento ou Renascença em virtude da redescoberta e revalorização das referências culturais da antiguidade clássica, que nortearam as mudanças deste período em direção a um ideal humanista e naturalista. Este termo foi empregado para descrever a transformação que ocorreu principalmente nas artes, na filosofia e nas ciências. Porém também ocorreram mudanças evidentes na cultura, sociedade, economia, política e religião, o que caracteriza a transição do feudalismo para o capitalismo.

Suas principais características eram o racionalismo (em oposição à fé), o antropocentrismo (em oposição ao teocentrismo) e o individualismo (em oposição ao coletivismo cristão). Uma das principais causas para o desenvolvimento cultural dessa época foi a divulgação dos conhecimentos da Antiguidade Clássica. Diversos intelectuais e artistas bizantinos emigraram para a Itália, levando valiosos

manuscritos de poetas e filósofos gregos. Dentre os elementos distintivos da filosofia da renascença está a renovação à civilização clássica e o seu aprendizado e um parcial retorno de Platão sobre Aristóteles (STIGAR, 2008).

Para o autor, os artistas da época renascentista consideravam que os gregos e romanos possuíam uma visão completa e humana da natureza, ao contrário dos homens medievais, incluindo também o pensamento sobre a morte. As qualidades mais valorizadas no ser humano passaram a ser a inteligência, o conhecimento e o dom artístico. Enquanto na Idade Média a vida do homem devia estar centrada em Deus (teocentrismo), nos séculos XV e XVI o homem passa a ser o principal personagem (antropocentrismo). A razão e a natureza passam a ser valorizadas com grande intensidade.

Neste período os trabalhos dos alquimistas também estavam presentes. Tinham dois objetivos inter-relacionados: alterar ou transformar materiais básicos em outros mais valiosos; transformar uma matéria básica em espírito; em suma, libertar a alma.

O *opus* alquímica possui três estágios: *nigredo*, *albedo* e *rubedo*: o escurecimento, o branqueamento e o avermelhamento. No primeiro estágio está presente a operação denominada *mortificatio*, que significa literalmente “matar”, podendo ser considerada como uma experiência de morte. Os elementos originais estão “mortos”, não existem em suas formas originais. Na análise, os sintomas podem adquirir um novo significado e o relacionamento analítico, uma nova importância. A aproximação com a negrura causava, com a mesma intensidade, um iluminamento (EDINGER, 2006, p. 165-166).

A alquimia, verificada à luz do simbólico e não do científico, pode ser considerada como um dos estudos do inconsciente. Os alquimistas projetavam seus processos internos naquilo que estavam fazendo, e, à medida que realizavam suas várias operações, passavam por experiências profundas lado a lado com outras, espirituais.

No entanto, por volta do século XVIII, estava presente a crença de que ser enterrado próximo aos túmulos dos santos ou de suas relíquias, perto do altar dos sacramentos, sob as pedras da nave ou no claustro do mosteiro (túmulo *ad sanctos*), pois garantia ao defunto uma intercessão especial dos santos e o direito assegurado da salvação (MARANHÃO, 1998, p. 30).

O aspecto do sagrado estava inserido no contexto da época. A salvação

depois da morte dependia da proximidade com lugares, objetos e indivíduos que representavam este aspecto.

“Naturalmente todo fiel desejava confiar o seu corpo *ad sancto* para que, assim, ele próprio se tornasse, como que por contágio, um imortal entre os santos e célebre entre os homens. Porém, é evidente que o espaço sagrado que compreendia a igreja e o mosteiro, por ser limitado, não poderia comportar todos os defuntos e que, portanto, ele era reservado aos ‘melhores’, isto é, a aqueles que pudessem desembolsar somas consideráveis para esse fim” (MARANHÃO, 1998, p. 31).

Com esta falta de espaço para os mais pobres e desfavorecidos, o lugar da morte era consideravelmente diferente. Eles “[...] eram envoltos num sudário simples e, em seguida, literalmente despejados em fossas comuns, localizadas nas circunvizinhanças da igreja” (MARANHÃO, 1998, p. 31).

Aqui a posição social e financeira do indivíduo já influenciava inteiramente a maneira que enfrentavam a morte e a “salvação”. Porém, na segunda metade da Idade Média a sepultura *ad sanctos* já não garantia a certeza da vida eterna. Então os homens começaram a se sentir inseguros.

Assim o testamento passou a desempenhar um papel importante. Era um ato de direito privado, destinado o partilho de bens durante a Antiguidade Romana, porém o testamento se tornou um contrato de salvação. A partir dele que o fiel confessava a sua fé, reconhecia seus pecados, reconciliava-se com a comunidade, determinava o local da sepultura, prescrevia as questões relativas ao seu cortejo fúnebre, e também pagava à Igreja um dízimo sobre o valor de sua herança (MARANHÃO, 1998, p. 32).

Desse modo, o testamento foi o instrumento religioso que permitiu conciliar as riquezas à salvação. Porém, de certo modo, conservava o apego pelas coisas terrenas ao mesmo tempo em que delas se separava.

“Com efeito, tal contrato comportava duas finalidades igualmente importantes: primeiramente um ‘passaporte para o céu’ – garantia os *bens eternos*, porém eram pagos em moeda temporal, graças aos legados piedosos [...]. Em segundo lugar, desempenhava a função de um ‘salvo-conduto na Terra’. Nesse sentido, legitimava e autorizava o desfrute dos *bens adquiridos* durante a vida. Os prêmios dessa segunda garantia eram

pagos, dessa vez, em moeda espiritual: missa, preces, doações para fundações e para ordens religiosas” (MARANHÃO, 1998, p. 32-33).

Novamente, frente à crescente riqueza das práticas funerárias, aumentava o contraste com a pobreza das de outros. Para os pobres só uma furtiva absolvição. Nenhuma misericórdia, nenhuma procissão e nenhuma missa. Os corpos e almas nada tinham daquilo que o dinheiro pudesse comprar.

A morte nos faz cair em seu alçapão,  
 É uma mão que nos agarra  
 E nunca mais nos solta.  
 A morte para todos faz capa escura,  
 E faz da terra uma toalha;  
 Sem distinção ela nos serve,  
 Põe os segredos a descoberto,  
 A morte liberta o escravo,  
 A morte submete rei e papa  
 E paga a cada um seu salário,  
 E devolve ao pobre o que ele perde  
 E toma do rico o que ele abocanha.  
 (Froidmont<sup>18</sup> apud COSTA, 2009)

Neste poema do século XII o autor expressa com clareza que diante da morte todos somos iguais, não importando assim a classe social a qual pertence. Ela é igual para tudo e para todos. “Relativizando todas as condições sociais, a morte nos mostra a absoluta igualdade entre os homens, nivelando-os ao mesmo destino” (MARANHÃO, 1998, p. 20-21).

No período Iluminista, Kant<sup>19</sup> foi um dos principais filósofos de sua época. Segundo ANJOS (1998, p. 8) era um filósofo idealista, discordou das filosofias clássicas anteriores, que pressupunham que o homem através da sua inteligência poderia encontrar a verdade e a estrutura do real. Afirmou também que o pensamento não reflete as estruturas do real, mas representa a si mesmo o real.

---

<sup>18</sup> HÉLINAND DE FROIDMONT. **Os Versos da Morte**. Poema do século XII. São Paulo: Ateliê Editorial / Editora Imaginário, 1996.

<sup>19</sup> Immanuel Kant (Königsberg, 1724 - Königsberg, 1804) foi um filósofo alemão, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes.



Para o autor, toda filosofia de Kant gira em torno da individualidade humana e assim a representação do mundo é o resultado do esforço humano. Assim, pela primeira vez, a imortalidade não é afirmada, mas admitida como uma necessidade antropológica. Portanto, a partir de Kant, a morte é um vácuo, não faz sentido refletir sobre ela.

“As afirmações kantianas influenciarão grande parte dos filósofos posteriores que passarão a negar a possibilidade de vida após a morte. Tudo o que foi dito a cerca do sentido da morte depois de Kant será a resposta de uma consciência em crise em um mundo em crise. A morte será, então, um vazio sem sentido” (ANJOS, 1998, p. 9).

Outro filósofo germânico que refletiu sobre a questão da morte foi Nietzsche<sup>20</sup>. Ele passou a ver a morte como embriaguez dionisíaca, sendo assim, a possibilidade de uma liberdade humana. Todos têm um tempo para a morte, ela deve chegar de maneira livre. O homem deve achar que chegou sua hora, encarar a morte como algo voluntário. Para ele, quem consegue morrer assim é um santo, pois consegue dizer não à vida, da qual atingiu o mais alto limite. Portanto, é necessário ao homem aprender a morrer (ANJOS, 1998, p. 10).

No entanto, sobre todos esses aspectos e pensamentos sobre a morte que foram se modificando de alguma maneira durante a história da humanidade, CALLIA (2005, p. 12) aponta que:

“Todos esses aspectos passam por transformações significativas desde a última metade do século XX, quando o desenvolvimento técnico-científico se impôs na vida moderna e a morte passou a ser menos considerada. Talvez isso não ocorra longe das grandes cidades, onde se tem pouco acesso à cultura científica. Mas é fato que cada vez mais estamos nos distanciando dos rituais que, perdendo a sua força, apontam para uma banalização da morte. Já não se morre mais como antigamente; já não temos tempo para a morte ou para o morrer”.

O desenvolvimento técnico-científico foi um fator que contribuiu para que a morte fosse algo a ser esquecido. O materialismo e o racionalismo passaram a ser

---

<sup>20</sup> Friedrich Wilhelm Nietzsche (Röcken, 1844 - Weimar, 1900) foi um influente filósofo alemão do século XIX.

mais valiosos do que aquilo que é natural e espiritual. A morte inclusive. Assim, o homem se distanciou dos rituais fúnebres e a morte passou a ser algo vulgar.

### 3. MORTE NA ATUALIDADE

Nos dias atuais, a morte é algo do qual se teme e se faz tudo para que não aconteça. O homem deixou de enxergar a morte como sendo algo que está inserido no contexto de suas vidas. A morte passou a ser negada, virou um tabu no qual todos evitam fazer referência nos meios sociais, refletindo, portanto, na hora da morte, velório, enterro e nas manifestações do luto. Hoje já não se morre como antigamente.

Em uma discussão a respeito deste tema, o filósofo José Luiz de Souza Maranhão faz uma comparação de costumes culturais entre períodos não tão distantes: nos dias de hoje e em uma época de não mais do que cinquenta anos atrás, portanto, podendo esta ser considerada como época atual de nossa sociedade.

Cerca de cinco décadas atrás, a pessoa que pressentia a proximidade de seu fim, deitava-se em seu quarto aonde realizava uma cerimônia pública aberta às pessoas da comunidade, assim respeitando os atos cerimoniais estabelecidos. Parentes, amigos e vizinhos se faziam presentes, mas sem dramaticidade ou gestos de emoção excessivos. O moribundo dava suas considerações finais, dizia suas últimas vontades, pedia perdão e se despedia (MARANHÃO, 1998, p. 7).

Atenta-se para o fato de o moribundo saber com antecedência sobre sua morte e de ter tempo para vivenciá-la com as pessoas mais próximas. As emoções eram manifestas, mas não com exageros. MARANHÃO (1998, p. 11-12) complementa este argumento relatando que mesmo antes de morrer, o indivíduo não morria sem antes ter tempo para adquirir a consciência do seu fim próximo. Tanto que, a morte súbita era considerada desonrante, uma maldição, pois impedia o ato de arrependimento, como também privava o homem de se organizar e se presidir solenemente sua morte.

Logo após a morte de seu parente, os familiares fechavam as janelas, acendiam velas, aspergiam água benta pela casa, cobriam os espelhos e paralisavam os relógios. Durante o velório o defunto ficava exposto sobre uma mesa, muitas vezes na sala principal da casa, durante dois ou três dias, onde seus parentes e amigos, com vestimenta de luto, desfilavam diante dele para o último

adeus. No dia do enterro, seus parentes e amigos também o acompanhavam por todo o percurso. A procissão fúnebre passava pelo local onde ele vivera, lenta e cuidadosamente. Quando chegava à igreja, era submetido aos ritos necessários à sua purificação. (MARANHÃO, 1998, p. 8).

Logo depois o defunto era conduzido ao cemitério, onde seria sua última morada, recebendo visitas frequentes que depositariam flores sobre seu túmulo, sinais de que não seria definitivamente esquecido (MARANHÃO, 1998, p. 9).

As manifestações pela morte de um ente querido eram realizadas de forma simples, seguindo todas as etapas ditas cultural e socialmente. Desde sua prévia de morte, até depois de seu enterro no cemitério, o indivíduo era acompanhado pelas pessoas mais próximas. Todo este processo de morrer durava dias para ser concluído, mas mesmo depois desta finalização, os entes queridos visitariam o seu túmulo durante um grande período de suas vidas, ou pelo resto de suas vidas.

Diante desses fatos históricos, Maranhão ainda faz considerações a respeito das manifestações do luto e expressão dos sentimentos:

“As manifestações de luto (vestimentas negras, não participação da vida social e inúmeras outras interdições), expressão da dor das saudades e do dilaceramento da separação, eram escrupulosamente respeitadas por um período necessário para a cicatrização da ferida e para a reintegração dos parentes às condições normais de vida” (MARANHÃO, 1998, p. 9).

Portanto, nesta época, evidencia-se que havia uma relação do homem com o sentimento diante da morte, assim, considerando que a morte era uma etapa a ser vivida por todos e que havia um espaço para sua compreensão e elaboração.

No decorrer dos anos, esta relação mudou consideravelmente, tanto no que diz respeito aos costumes fúnebres, mas também do sentimento diante da morte. Já não existe respeito, não se pode ter luto quando alguém morre.

“Desse modo se morreu durante séculos. De cinqüenta anos para cá, as atitudes do homem ocidental perante a morte e o morrer mudaram profundamente, ocorrendo uma verdadeira ruptura histórica. Evidentemente, muitos traços ainda lembram os antigos costumes, porém, o sentimento original foi esvaziado. A morte, tão presente, tão doméstica no passado, vai se tornando vergonhosa e objeto de interdição” (MARANHÃO, 1998, p. 9).

Nos dias atuais, um fator principal que contribuiu para esta mudança de atitude foi o deslocamento do lugar da morte. A maioria dos indivíduos que estão prestes a morrer passam a última etapa de suas vidas em um hospital das grandes cidades. Possibilita o prolongamento da vida pelo maior tempo possível, mas não os ajuda a morrer. Já não se morre em casa, rodeado pela família, mas no hospital, sozinho (MARANHÃO, 1998, p. 12-13).

Complementando este pensamento, KÜBLER-ROSS (1981, p. 19) comenta que “[...] hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos [...]. Morrer se torna solitário e impessoal porque o paciente não raro é removido de seu ambiente familiar e levado às pressas para uma sala de emergência”. Vimos anteriormente que, a cinco décadas, o moribundo estava sempre rodeado pelos amigos e família durante todo o processo de morrer. No hospital esta proximidade não é possível, sob motivos de diversas normas e regras hospitalares.

Os moribundos estão no hospital na esperança de cura de suas doenças, de continuar seus planos de vida, pois a ciência médica possui um grande papel no estudo e na cura do corpo humano. Porém a experiência no hospital é uma “faca de dois gumes”, onde por um lado é uma possibilidade de cura e por outro uma negação da morte. Pois se está em um hospital tentando de todas as formas viver.

KÜBLER-ROSS (1981, p. 19) relata que o conhecimento da ciência e do homem proporcionou melhores meios do indivíduo e de sua família se prepararem para o acontecimento inevitável, a morte. Mas acontece o contrário, pois já se vai longe os dias em que era permitido a um homem morrer em paz e dignamente em seu próprio lar.

Para complementar este pensamento, MORIN (1997, p. 13) diz que as ciências do homem negligenciam sempre a morte. Contentam-se em reconhecer o homem pelo utensílio, pelo cérebro e pela linguagem.

“A medicina tem a morte como a grande inimiga, e seus profissionais, apesar de começar seus estudos sobre cadáveres, não são preparados para o confronto inevitável com a morte” (CALLIA, 2005, p. 12).

Este momento de hospitalização remete a possibilidade de morrer. Contudo se observa, com frequência, que o moribundo não aceita esta possibilidade, temendo-a constantemente e utilizando mecanismos de defesa para não enfrentá-la. Pois “diminuindo a cada dia sua capacidade de defesa física, aumentam de várias

maneiras suas defesas psicológicas (...). Se não podemos negar a morte, (...) podemos tentar dominá-la” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 24).

“Nota-se que a preocupação dos médicos, bem como toda a ciência, não está mais ligada à explicação da morte que traz consigo toda uma realidade abstrata. A preocupação agora reside no fenômeno em si, concreto, ou seja, no tempo que a morte necessita para se efetivar, como ela ocorre, como se manifesta, entre outras características de natureza observável” (OLIVEIRA, 2000, p. 25).

Hoje frequentemente observa-se relatos não somente dos moribundos, como também de sua família, onde, com seus conhecimentos leigos da medicina, acredita que o médico terá a cura para todas as doenças, e que, conseqüentemente, o moribundo será salvo de qualquer maneira. Como se tivéssemos todos que viver para sempre. “Uma antevisão do futuro nos revela uma sociedade em que as pessoas são cada vez mais ‘mantidas vivas’ [...]” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 27).

KÜBLER-ROSS (1981, p. 24) alerta para o fato da ciência e da tecnologia contribuírem para um medo sempre crescente de destruição, e, por conseguinte, medo da morte.

Aqui a autora comenta o fato de que antigamente o homem era capaz de enfrentar seu inimigo cara a cara, sendo propiciado um encontro pessoal com um inimigo visível. Hoje existem as armas de destruição em massa, que não oferecem possibilidade de aproximação.

Ela complementa refletindo que “a guerra será, talvez, uma necessidade de defrontar a morte, de conquistá-la, de dominá-la para escapar dela incólume; uma forma peculiar de negar nossa própria mortalidade” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 25).

Constantemente se observa um aumento significativo das notícias relacionadas a desastres que aconteceram pelo mundo, principalmente pelos meios publicitários. O homem na recusa de se relacionar com sua própria morte, passou a enfrentá-la de outras maneiras.

“As guerras, os tumultos, o aumento do índice de criminalidade podem ser sintomas da decrescente incapacidade de enfrentar a morte com resignação e dignidade. Talvez devamos voltar ao ser humano individual e começar do ponto de partida para tentar compreender nossa própria morte, aprendendo

a encarar menos irracionalmente e com menos temor este acontecimento trágico, mas inevitável” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 26).

Portanto, primeiramente se deve compreender nossa própria morte, para que somente depois se possa acabar com os sintomas desta incapacidade do homem de se relacionar com a morte, que são: as guerras, tumulto e aumento do índice de criminalidade.

Quando o óbito é atestado no hospital, MARANHÃO (1998, p. 17) relata que o mesmo entrega o defunto para a família que o encaminha aos cuidados de uma organização especializada, ou seja, uma funerária. Esta organização, nos dias de hoje, se encarrega, a cada dia mais, dos encargos ligados com um caso de morte.

Diante do receio que se criou em torno da morte, o velório “... não se realiza mais na casa da família, onde o corpo ficava exposto na sala de visitas [...]. O novo costume cada vez menos tolera a presença do defunto em casa” (MARANHÃO, 1998, p. 17).

Em relação ao cortejo fúnebre, a situação é semelhante, tudo muito rápido, “[...] que mal pode ser percebido no intenso urbano. [...] O corpo é enterrado numa cerimônia muito simples e rápida, como se quisesse neutralizar o acontecimento...” (MARANHÃO, 1998, p. 18).

Outra forma de cortejo fúnebre muito difundida na atualidade é a cremação, pois “[...] apresentar como a forma mais eficiente de fazer desaparecer e esquecer tudo o que resta do corpo” (MARANHÃO, 1998, p. 18).

Não se tem mais aquele tempo de despedida do seu ente querido falecido. Todo o processo se torna praticamente instantâneo, durando o mínimo possível. Dá-se a impressão de que a família quer acabar logo com o sofrimento e esquecer o ocorrido. A morte e o luto não são vivenciados, são esquecidos e rejeitados. Não há espaço para o sofrimento.

A partir disto o luto tornou-se algo banalizado na sociedade atual. Para MARANHÃO (1998, p. 18-19), o dilaceramento da separação e a dor das saudades podem existir no coração da família, porém, segundo os novos costumes, eles não os deverão manifestá-los publicamente. Assim o luto se tornou mais e mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade de cada um, às escondidas.

Podemos também considerar outro fator que reflete a recusa dos indivíduos de se relacionar diretamente com a morte: o atual momento de desenvolvimento

econômico baseado no capitalismo. “Numa sociedade como a nossa, completamente dirigida para a produtividade e o progresso, não se pensa na morte e fala-se dela o menos possível” (MARANHÃO, 1998, p. 11).

BAYARD (1996, p. 119) complementa esta declaração ao expor que “em nossa sociedade de consumo, as cerimônias fúnebres são muito menos acentuadas, procura-se até esquecê-las”.

A morte ou doença de um ente querido, ou do próprio indivíduo, é um empecilho no dia de trabalho, pois não se pode mais parar. No capitalismo a contingência de autônomos é grande, onde o tempo está sempre relacionado ao dinheiro. Para os moribundos que estão internados no hospital este pode ser um dos principais motivos de ansiedade, pois possuem a necessidade de deixar toda sua vida profissional de lado para que seu tratamento possa ser realizado. Semelhantemente ocorre com seus familiares, pois precisam cuidar de seu parente adoentado ou falecido dentro de uma rotina de trabalho.

Para ANJOS (1998, p. 24) estamos vivendo em uma sociedade onde o principal objetivo é a produção. Assim sendo, a partir desta meta, tem-se a ilusão do progresso contínuo, impedindo assim o lugar para a morte na sociedade. Como se ela não existisse ou não nos tocasse.

Os valores estão muito mais dirigidos para o exterior, para fora, nos valores econômicos e materiais. Não se olha mais para os valores internos, culturais e sociais. Hoje o mercado sabe de preços, não de valores.

A negação da morte acontece na mesma proporção em que é temida. Pois quanto mais se nega a morte, mais ela passa a existir no inconsciente, tornando-se primitiva e autônoma. Não se pode lidar com ela na medida em que é negada. Pode-se ficar possuído pela morte. A Síndrome do Pânico é reflexo deste acontecimento, pois está geralmente vinculada ao medo de morrer. As relações do homem com a morte externa, certamente reflete as relações com a morte interna.

Sobre este assunto, FREY-ROHN (1995, p. 26) faz considerações sobre o aspecto psicológico relacionado com o medo da morte e os valores atribuídos a ela:

“O medo da morte parece ter se constelado de modo particularmente elevado na época atual. Nele se evidencia o desamparo do homem, que perdeu a conexão com seus poderes numinosos. [...] A valorização desmedida atribuída, por um lado, ao poder, ao conhecimento e à fortuna



ocasionam, por sua própria natureza, uma desvalorização correspondente dos valores espirituais do além. Isso faz com que o indivíduo se distancie das forças normalizadoras da sua própria psique. A morte torna-se então um fantasma noturno, totalmente estranho, que abre brechas ameaçadoras de incríveis dimensões e que aniquila a sua personalidade”

Hoje o homem brinca com a morte. Por causar tanto medo, a morte foi banalizada pelo homem. Diariamente os meios de comunicação mostram diversas mortes, em consequência de guerra, desastres naturais, acidentes e fome. Esta constante exposição de acontecimentos faz com que a morte seja trivializada. Ela se tornou produto comercial, perdeu seu real sentido.

Para BAUMAN (2007, p. 60) a banalização da morte transforma o próprio confronto num evento banal, quase cotidiano, esperando fazer da “vida com a morte” algo menos intolerável. A banalização leva a experiência única da morte, por sua natureza inacessível aos vivos, para o domínio da rotina diária dos mortais, transformando suas vidas em perpétuas encenações da morte, desse modo esperando familiarizá-los com a experiência do fim e assim mitigar o horror que transpira da total e absoluta incognoscibilidade da morte.

“O homem moderno, que pode ser considerado um carente de fé religiosa, em geral vai despreparado ao encontro da morte...” (JAFFÉ, 1995, p. 12). Este fator refletiu consideravelmente no tratamento dos moribundos em nossa sociedade, principalmente no âmbito hospitalar.

“Na sociedade industrial não há lugar para os agonizantes: são indivíduos que não produzem, não consomem, não acumulam, não respondem aos seus apelos, não competem, não se incomodam com o progresso, com o tempo nem com o dinheiro” (MARANHÃO, 1998, p. 15).

Aqueles que estão impossibilitados de estar ativamente dentro do sistema econômico capitalista, não têm espaço na sociedade. A morte chega para todos, mas de formas diferentes.

“Diante dela todos os homens se igualam (...). Relativizando todas as condições sociais, a morte nos mostra a absoluta igualdade entre os homens, nivelando-os ao mesmo destino. (...) Porém, o significado do fenômeno da morte não se esgota em sua dimensão natural ou biológica.

Ela comporta, também, como qualquer fato da vida humana, uma dimensão social e, como tal, ela representa um acontecimento estratificado. Todos morrem – é certo -, contudo a duração da vida e as modalidades do fim são diferentes segundo as classes a que pertencem os mortos” (MARANHÃO, 1998, p. 20-21).

Torna-se evidente que as condições econômicas de cada indivíduo influencia no que diz respeito tanto na sua cura de doenças, como também em todos os ritos tanáticos. Isto também diz respeito de como o próprio moribundo irá enfrentar suas condições de saúde e de relacionamento com a morte. A morte virou um mercado, um comércio, não só no enfrentamento dela, mas também nos cuidados com o defunto.

Entende-se que as disparidades na distribuição da renda e o acesso à infraestrutura dos bens e serviços de uma determinada sociedade estão intimamente relacionados com a expectativa de vida entre a sua população menos privilegiada e a mais favorecida (MARANHÃO, 1998, p. 22).

No cemitério podemos observar com facilidade esta diferença muito presente. Vemos túmulos desde os mais simples, onde a família não tem condições financeiras para construir algo belo para a última morada de seu ente querido e nem mesmo pagar pela manutenção. Até aqueles que se destacam pela beleza e altura dos altares construídos especialmente e cuidadosamente para a morada final de toda a família, sempre bem cuidados e limpos.

A morte virou um tabu, negado e rejeitado em todos seus aspectos. O homem se tornou um ser para se viver intensamente, para a produção. Ele deixa de ser algo útil para a sociedade quando é impossibilitado de atuar conforme o mercado lhe impõe.

“Eis aí a que a sociedade ocidental contemporânea reduziu a morte e tudo a que ela está associado: um nada. Não satisfeita em privar o indivíduo de sua agonia, de seu luto e da nítida consciência da morte, de impor à morte um tabu, de marginalizar socialmente o moribundo, de esvaziar todo o conteúdo semântico dos ritos tanáticos, a sociedade mercantil vai além, ao transformar a morte num resíduo irreconhecível. Ela já não é mais um destino. O que existe é a sua relação negativa com o sistema de produção, de troca e de consumo de mercadorias. É o estado de não-produção, de não-consumação. Ao negar a experiência da morte e do morrer, a

sociedade realiza a coisificação do homem” (MARANHÃO, 1998, p. 19).

A morte sofreu um deslocamento no decorrer deste curto espaço de tempo. “No espaço destas últimas cinco décadas assistimos a um fenômeno curioso na sociedade industrial capitalista: à medida que a interdição em torno do sexo foi se relaxando, a morte foi se tornando um tema proibido, uma coisa inominável” (MARANHÃO, 1998, p. 9). A obscenidade não reside mais na alusão às coisas referentes ao início da vida, mas sim aos fatos relacionados com o seu fim.

Morrer lentamente, de alguma doença, se tornou um acontecimento vergonhoso, carregado de culpa. “Humilhação, impotência, revolta e muito medo são emoções que acompanham a doença; dor, dependência e solidão” (WENTH, 2008, p. 154). Hoje a morte deve ser rápida, sem que haja tempo para reflexões e despedidas. A morte súbita ou durante o sono virou privilégio, desejada por muitos.

“Nas representações figurativas os heróis são jovens, belos, fortes, predominando, sempre, a característica da impetuosidade. Não há lugar para a morte, que representa a derrota, o fracasso. Como podemos ver aqui está representada a visão atual da morte: fracasso, derrota, incompetência” (KOVÁCS, 1992, p. 5).

A aceitação ou negação da morte tem relação com a etapa de vida. Se aceita a morte do velho, daquele que já está no fim da vida, pela própria naturalidade. A morte do jovem é sempre indesejada, pois ainda possui projetos de vida a serem realizados.

Os distúrbios neuróticos têm em comum o fato dos indivíduos quererem prolongar a psicologia da fase juvenil. Neurótico é aquele que jamais consegue que as coisas corram para ele como gostaria que fossem no momento presente, por isto, não é capaz de se alegrar com o passado. Ele torna-se incapaz de se libertar da juventude. Assim temendo os pensamentos sombrios da velhice que se aproxima, pois como perspectiva do futuro lhe parece insuportável, então ele volta desesperadamente para o passado (JUNG, 1986, p. 346).

A recusa de se relacionar com a vida, também reflete diretamente na recusa em se relacionar com a morte. Pois assim como o jovem se prende à infância em virtude da incógnita do mundo, o velho faz o mesmo em relação à juventude quando se defronta com a morte.

“Assim como existem um grande número de jovens que, no fundo, têm medo pânico da vida, também existem um número, talvez ainda maior, de pessoas idosas que têm o mesmo medo em relação à morte. [...] A ânsia do jovem pelo mundo e pela vida, o desejo de consumir altas esperanças e objetivos distantes constituem o impulso teleológico manifesto da vida que se converte em medo da vida, em resistências neuróticas, depressões e fobias, se fica preso ao passado, sob algum aspecto, ou recua diante de certos riscos sem os quais não se podem atingir as metas prefixadas” (JUNG, 1986, p. 358-359).

Assim sendo, BAYARD (1996, p. 44) comenta que somos apegados ao nosso estado de vida atual, é preciso grande esforço para quebrar o que já está construído, como por exemplo, em termos de dificuldade em deixar nossa morada para vivermos longe. Romper com nossos entraves assume sentido negativo, a morte leva à ruptura total, portanto maléfica.

“A cultura ocidental está possuída pela busca do que a psicologia analítica chama de ‘arquétipo do *Puer Eternus*’, ou seja, ‘o eterno jovem’, que se distancia cada vez mais do seu complementar arquetípico, o *Senex*, o velho, dificultando as vivências simbólicas do envelhecimento e preparação para a morte” (CALLIA, 2005, p. 13).

Para WENTH (2008, p. 156) o *Puer* e o *Senex* são fantasias arquetípicas que fornecem contornos, problemas e caminhos para viver diferentes situações. O velho e o novo não dependem de sua idade literal, pois podemos encontrar velhos que vivem como jovens, vivendo uma juventude eterna, onde a passagem do tempo não pode existir. Porém também vemos jovens vivendo como velhos, rígidos e imutáveis.

O problema não está especificamente no *Puer* ou no *Senex*, mas sim no distanciamento entre eles, pois na sua separação cada um deles se torna exagerado, negativo e rígido.

Toda forma de ser contém em si um oposto. A fixação em uma das polaridades propicia uma vivência negativa. Um eixo de relação entre as polaridades é uma necessidade para que a ampliação psíquica aconteça. A sociedade está estancada na vivência do *Puer Aeternus*, se nega a olhar o lado do envelhecimento e da finitude da vida. Nenhum ser vivo pode durar para sempre.

Na filosofia contemporânea também encontramos reflexões a respeito da morte. Ela é representada por diversos pensadores, sendo os principais, aqui considerados, Heidegger<sup>21</sup> e Sartre<sup>22</sup>.

ANJOS (1998, p. 13) sugere que esses pensadores estão divididos em duas tendências. Sartre considera a morte como exterior, dá um corte no projeto do homem, não há continuidade. Heidegger considera a morte como fazendo parte da natureza humana, sendo assim o homem como um ser para a morte.

Portanto, Heidegger considera que a morte pertence à própria estrutura essencial da existência, pois a existência humana é um ser-para-a-morte. Ela não vem de fora, não é um acidente. Não caímos de repente na morte, porém caminhamos para ela passo a passo, morremos a cada dia. Quando o homem começa a viver, tem idade suficiente para morrer (MARANHÃO, 1998, p. 69).

“A morte constitui uma limitação da unidade originária do ser-aí, significa que a transcendência humana, o poder-ser, contém uma possibilidade de não-ser. Diz Heidegger: "o 'fim' do ser-no-mundo é a morte. Esse fim, que pertence ao poder-ser, isto é, à existência, limita e determina a totalidade cada vez possível do Dasein" (1989a, vol. II, p. 12). Entretanto, o caráter aparentemente negativo da morte apenas se coloca quando a morte é tomada no sentido vulgar de ser o momento do término físico da vida. Mas há um lado positivo na morte, isso se o ser humano assume o seu ser-para-a-morte, isto é, leva em conta que a morte é um fenômeno da própria existência e não do término dela. A morte apenas tem sentido para quem existe e se põe como um dado fundamental da existência mesma. Assumir o ser para a morte, porém, não significa pensar constantemente na morte e sim encarar a morte como um problema que se manifesta na própria existência. Depois de termos morrido não podemos mais sentir a morte. É um fato que a morte é algo que apenas podemos experimentar indiretamente, no outro que morre” (WERLE, 2003).

Hoje a morte é vista apenas no sentido negativo, apenas como um fim do seu corpo físico. A partir do momento que se possa ter aceitação da morte como uma possibilidade imutável em nossas vidas, podem-se adquirir novas perspectivas

---

<sup>21</sup> Um dos mais influentes filósofos do século XX, Martin Heidegger nasceu em Messkirch, Baden, Alemanha, no ano de 1889, vindo a morrer em 26 de maio de 1976.

<sup>22</sup> Jean-Paul Charles Aymard Sartre nasceu em Paris, França no ano de 1905, vindo a morrer no dia 15 de abril de 1980. Foi um filósofo, escritor e crítico, conhecido representante do existencialismo.

diante deste fato. “A conscientização de ambas as coisas pode levar o indivíduo de volta ao seu centro, à sua totalidade” (FREY-ROHN, 1995, p. 27).

WERLE (2003) complementa seu pensamento relatando que há na morte um elemento de transcendência capaz de nos tirar das ocupações cotidianas. A tomada de consciência deste ser-para-a-morte leva a um questionamento do ser. “A morte não é um precipício devorador ou um permanente convite para o desespero: é um trampolim de esperança absoluta, um salto sobre o tempo em direção à transcendência” (MARANHÃO, 1998, p. 73).

O movimento atual vai contra esta perspectiva. MARANHÃO (1998, p.70-71) diz que a maior parte dos homens foge da morte, aliena-se no medo diante de uma morte transformada num acontecimento impessoal, a morte somente do outro. Assim, a morte como dimensão da existência autêntica ficou banalizada.

Mas a única maneira de o homem se realizar é enfrentando fria e corajosamente a sua finitude e a sua inevitável morte. Assumir esta radical caducidade constitui a suprema libertação (MARANHÃO, 1998, p. 71).

No entanto Sartre possui um pensamento diferenciado do de Heidegger a respeito deste tema.

“Jean-Paul Sartre reprova a tentativa poética e romântica empreendida por Heidegger em integrar a morte no ser da vida. Apesar de Heidegger não considerar a morte como sendo um belo acordo final no termo de uma sinfonia – diz Sartre – ele tenta humanizá-la apesar de tudo. Ao contrário, a morte revela o caráter absurdo da existência humana, já que interrompe radical e violentamente todo o projeto existencial, toda a liberdade pessoal, todo o significado da vida. [...] Nada tem sentido: o homem nasce sem razão, prolonga-se por fraqueza e morre por acaso” (MARANHÃO, 1998, p. 71).

A morte é, conforme Sartre, a destruição de toda possibilidade em nossas vidas, um limite externo, algo que nos deparamos inesperadamente ao seguirmos nossos projetos pessoais. É a aniquilação das possibilidades. Diferentemente de Heidegger, que considerou a morte como uma possibilidade pessoal (MARANHÃO, 1998, p. 71-72).

O nada é fundamento da angústia. “A consciência se angustia em virtude de alguma coisa que lhe é externa, que ameaça a sua existência. O que causa a

angústia é o medo do nada da morte” (OLIVEIRA, 2000, p. 32).

“Sartre afirma que é impossível ‘esperar’ a morte, ou seja, prepará-la, assumi-la como parte integrante do projeto pessoal. No máximo podemos esperar uma determinada forma de morrer [...] mas não a morte como tal” (MARANHÃO, 1998, p. 72).

Os homens não conseguem conceber a idéia da morte, mesmo convivendo diariamente com ela. Estão apegados as coisas adquiridas em vida, porém tendo consciência que ao morrer jamais se poderá continuar usufruir os bens e muito menos levá-los consigo, a solução é fugir da consciência da morte (OLIVEIRA, 2000, p. 33).

Não há possibilidade na morte, ela vem somente para interromper a vida e todo projeto que nela se cria. Desta forma a vida também perde seu sentido. “O perigo para este homem, que não espera nada depois da morte, é o de cair num vazio de sentido, no desespero e angústia, a fim de preencher aquele vazio de sentido [...]” (OLIVEIRA, 2000, p. 26).

Heidegger e Sartre fazem considerações em sentidos opostos. Mas sendo as duas, ao mesmo tempo, de fundamental valor para uma conscientização da morte. As duas alternativas são válidas: a morte e a vida têm e não têm sentido, ou possuem e não possuem significado.

Contudo talvez tenhamos que suportar esta ausência de sentido, pois a busca pelo sentido também pode ser uma negação. Jung faz considerações de fundamental importância sobre o aspecto do sentido e do não-sentido.

“E quanto mais este sentido é conscientizado [...]. Pouco a pouco vão se criando diques contra a inundação do caos, pois o que tem sentido se separa do que não o tem. Quando o sentido e o não-sentido não são mais idênticos, a força do caos enfraquece, por subtração; o sentido arma-se com a força do sentido, e o não-sentido, com a força do não-sentido. [...] A vida é ao mesmo tempo significativa e louca. Se não rirmos de um dos aspectos e não especularmos acerca do outro, a vida se torna banal; e sua escala se reduz ao mínimo. Então só existe um sentido pequeno e um não-sentido igualmente pequeno. No fundo, nada significa algo, pois antes de existirem seres humanos pensantes não havia quem interpretasse os fenômenos. As interpretações só são necessárias aos que não entendem. Só o incompreensível tem que ser significado. O homem despertou num mundo que não compreendeu; por isso quer interpretá-lo. [...] todo caos há

um cosmo em toda desordem uma ordem secreta, em todo capricho uma lei permanente, uma vez que o que atua repousa no seu oposto. Para reconhecê-lo é necessária uma compreensão humana discernente, que tudo decompõe em seus julgamentos antinômicos. [...] Na realidade, de início não somos capazes de refletir friamente e nenhuma ciência e filosofia pode ajudar-nos [...]. Encontramo-nos presos e emaranhados numa vivência sem meta e o julgamento com todas as suas categorias revela-se impotente. A interpretação humana é falha porque se criou uma situação de vida turbulenta que não se adéqua a nenhuma das categorias tradicionais. É um momento de colapso” (JUNG, 2008, p. 41-42).

Portanto é de fundamental importância viver não somente na busca pelo sentido dos aspectos da vida, incluindo a morte. Faz-se necessário também explorar a ausência deste sentido.

JUNG (1984, p. 272) diz que a morte pode ser uma terrível brutalidade, sendo que “[...] nenhum engodo é possível! – não apenas enquanto acontecimento físico, mas ainda mais como um acontecimento psíquico: um ser humano é arrancado da vida e o que permanece é um silêncio mortal e gelado”.

Mas ao mesmo tempo ele expõe que se nos colocarmos ante outro ponto de vista a morte pode parecer um acontecimento alegre. “*Sub specie aeternitatis*, ela é um casamento, um *mysterium conjunctionis* (mistério da união). A alma, pode-se dizer, alcança a metade que lhe falta, atinge a totalidade” (JUNG, 1984, p. 273).

JAFFÉ (1995, p. 141) acrescenta que a consciência é que dá significado ao mundo. A tarefa metafísica do homem consiste na contínua ampliação da consciência, em seu destino como indivíduo, na criação de uma consciência individual.

Em uma carta para Neumann, com data em 10 de março de 1959, JUNG (2003, p. 203) escreve que “sem a consciência reflexiva do ser humano o mundo seria de uma falta gigantesca de sentido, pois, segundo nossa experiência, o ser humano é o único ente capaz de constatar o ‘sentido’”.

Entretanto, a ênfase de Jung na consciência nunca significou uma desvalorização do inconsciente, nem cogitou que este pudesse ser “subjugado”. Uma substituição do inconsciente pelo consciente é totalmente inconcebível, se considerarmos que a consciência só adquire seu poder criativo estando enraizada no inconsciente, embora possamos ser inteiramente inconscientes da existência



deste (JAFFÉ, 1995, p. 142).

Nesta perspectiva de ambivalência entre consciência e inconsciência, a relação do homem se alterou de acordo com o que mais prevaleceu em sua época. Diante deste contexto, é de fundamental importância abordar a visão da psicologia analítica acerca da morte, para se fazer entender por qual viés esta transformação aconteceu.

#### 4. MORTE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A morte pode ser analisada mediante diversos aspectos acerca do conhecimento, sendo a psicologia analítica uma delas. Conforme ANJOS (1998, p. 1) na sua grande maioria a discussão sobre o assunto é tratada com precaução, pois “pensar sobre a morte é pensar sobre uma realidade que nos escapa”.

Torna-se impraticável pensarmos na nossa própria morte, pois no momento em que morremos não temos mais as condições para refletirmos sobre. ANJOS (1998, p. 1) raciocina que sobre o ato de morrer nós só podemos especular. Somente no ato de morrer de nós mesmos é que teremos a possibilidade de apreender a morte, mas nesse momento a experiência nos foge, pois já estaremos mortos.

“[...] A própria natureza do conhecimento humano parece contribuir para reprimir a consciência da morte pessoal. O pensamento da morte não corresponde à imagem de nossa própria morte; a imagem de nossa morte escapa à nossa capacidade de representação. Sempre que o homem tenta imaginativamente ser como morto [...], jamais consegue eliminar o seu ‘eu’, visto que ele permanece precisamente como o espectador. Para se imaginar morte é preciso estar vivo. Portanto, é impossível pensar a própria inexistência sem cair numa contradição” (MARANHÃO, 1998, p. 66).

Apesar disto, podemos considerar que a vida e a morte são ciclos da natureza. Todo ser vivo nasce, cresce, alcança a maturidade, envelhece e morre. Todo este processo é comandado pela natureza, onde a morte é apenas o seu término. Pode-se pensar que a morte começa quando a vida tem início (PIERRE, 1998, p. 23).

A morte é “[...] a única certeza absoluta no domínio da vida [...]” (RODRIGUES, 1983, p. 17). “[...] É um fato natural [...]. Diante dela todos os homens se igualam [...]” (MARANHÃO, 1998, p. 20-21). “A derradeira meta, que a cada momento se aproxima mais da pessoa que envelhece, é a morte” (JAFFÉ, 1995, p. 12).

“A morte é algo que não depende do homem, não estando portanto à sua

disposição, isto é, a morte se prepara para 'vir' até o homem, não marca dia, nem hora, nem ano para chegar. Se ela não é disponível a nós, é necessário que nós nos coloquemos à sua disposição. A disposição à própria morte é conseguida através da consciência individual [...]” (ANJOS, 1998, p. 5).

Em termos de função, a morte se caracteriza pela interrupção completa e definitiva das funções vitais, com o desaparecimento da integração funcional e destruição progressiva das unidades celulares (KOVÁCS, 1992, p. 10).

No entanto “uma coisa é encarar a morte como algo inscrito necessariamente no destino dos homens em geral, enquanto membros da classe dos seres vivos. Outra coisa é pensar a realidade de cada morte individualmente” (RODRIGUES, 1983, p. 17).

Complementando, o autor diz que a morte sob a perspectiva do homem “[...] não é apenas a destruição de um estado físico e biológico. Ela é também a de um ser em relação, de um ser que interage. O vazio da morte é sentido primeiro como um vazio interacional” (RODRIGUES, 1983, p. 21).

O desenvolvimento do indivíduo tende unicamente para uma finalidade, para sua consumação. Para que algo morra, basta estar vivo. JUNG (1986, p. 358) considera este ciclo da vida como “um processo energético, como qualquer outro, mas em princípio, todo processo energético é irreversível e, por isto, é orientado univocamente para um objetivo. E este objetivo é o estado de repouso”. Sendo este estado de repouso a própria morte.

Porém “[...] a reflexão sobre a morte é uma reflexão sobre a vida. Não é possível analisar o sentido da vida sem se deparar com problema do sentido da morte e vice-versa. Ambas análises conduzem ao mesmo resultado” (MARANHÃO, 1998, p. 63).

“À medida que vivo, estou morrendo. Entra-se na morte continuamente, não apenas no momento da morte [...]. Cada evento de minha vida contribui para minha morte e construo minha morte à medida que prossigo, dia após dia. A posição contrária também se segue, logicamente: qualquer ação contrária à morte, qualquer ação que resista à morte fere a vida” (HILLMANN, 2009, p. 70).

A morte não tem essência sem a presença da vida. Esses opostos estão relacionados um ao outro, não se pode refletir sobre um sem que, ao mesmo tempo, esteja se refletindo sobre o outro.

A vida consiste em muitos pares de opostos. Sem eles não há nenhuma energia. “Mas, enquanto tivermos parte nos opostos, estamos no conflito, ou pelo menos num permanente ir e vir de aflição e alegria” (JUNG, 1999, p. 258). A vida e morte se relacionam por meio deste conflito. Sendo este conflito de fundamental valor para uma reflexão a cerca destes dois aspectos inevitáveis de nossa existência.

Para HILLMANN (2009, p. 70) a vida e a morte se contêm mutuamente, completando-se reciprocamente, são compreensíveis apenas se colocadas uma em relação à outra.

O mesmo pensa PIERRE (1998, p. 24) considera que não podemos ver a morte e vida como opostas. Além de pertencerem ao mesmo processo, estão acontecendo ao mesmo tempo no ambiente físico e psíquico do homem.

JUNG (1986, p. 360-361) expõe que a vida termina na morte, que é o alvo para o qual tendemos a vida inteira. Mesmo sua elevação e seu decesso são etapas e meios através dos quais se alcança o objetivo da vida, que é a morte, pois nossa vida é teleológica e determinada por este objetivo.

Podemos comparar o processo de vida e morte com a subida e descida de uma montanha. Quando se sobe no topo de uma montanha e se admira a paisagem à sua volta, a descida é obrigatória. Não se pode ficar todo o tempo no topo, mesmo que se queira, pois corre o risco de paralisar o processo, o que trará consequências. A subida remete a um esforço, o mesmo ocorrerá com a descida (KOVÁCS, 1992, p. 7).

A morte pode ser considerada como um fim, um ponto final de um período, onde só restam lembranças nos outros que não morreram. “A morte nos é conhecida simplesmente como um fim e nada mais. É o ponto final que se coloca muitas vezes antes mesmo de encerrar-se o período, e depois dela só existem recordações e efeitos subsequentes, nos outros” (JUNG, 1986, p.357).

A morte é um aspecto do indivíduo que é negado durante sua vida, contudo, sobre este fato, pode-se dizer que também há uma negação da plenitude da vida.

Esta recusa em aceitar a plenitude da vida equivale a não aceitar seu fim. Tanto uma coisa como outra significa não querer viver, sendo sinônimo de não

querer morrer. “Nossa consciência recusa-se a aceitar esta verdade inegável. Ordinariamente nos apegamos ao nosso passado e ficamos presos à ilusão de nossa juventude.” (JUNG, 1986, p. 360).

Existe uma dificuldade em aceitar que a finitude da vida, que um dia a morte irá chegar. Por isto se apega tanto ao passado e se fica preso à juventude interminável.

“Não acreditamos em nossa própria morte, agimos como se ela não existisse, fazemos planos para o futuro, criamos obras e filhos, imaginamos que estes perpetuarão o nosso ser” (KOVÁCS, 1992, p. 2). Diante do pensamento de que “você pode alcançar a imortalidade, basta fazer apenas uma coisa notável [...]”<sup>23</sup>, criam-se coisas que deverão perpetuar após a morte, nesta tentativa de se tornar imortal.

“Ao tomar consciência da possibilidade imediata de sua própria morte, o homem é levado a rever suas prioridades e os valores de sua existência, relativizando o que até então era considerado absoluto. A consciência da morte revela a insignificância do acúmulo de posses e dos cuidados cotidianos, dos quais freqüentemente se é escravo. Assim, se os homens fogem continuamente do pensamento da morte, não é porque ela seja em si paralisante da vida, mas a fim de proteger os seus valores mundanos que cultivam com tanto esforço e abnegação” (MARANHÃO, 1998, p. 64).

No entanto, “a morte é uma fiel companheira da vida e segue-a como sua sombra. Temos de aprender ainda que vontade de viver é igual a vontade de morrer” (JUNG, 1999, p. 50). A morte é nossa companheira, sendo avistada ou não, ela está sempre à espreita.

Ninguém pode dizer que se defrontou com a vida se não estiver disposto a se atracar com a morte. Para HILLMANN (2009, p. 23) “qualquer preocupação profunda e complexa, quer ocorra em nós, ou com outrem, traz em si o problema da morte”.

Não podemos viver a vida sob a presença da morte. Por isto existem várias maneiras de ocultamento, tanto culturais, quanto psicológicas. Entre esta última estão os mecanismos de defesa. KOVÁCS (1992, p. 3) diz que:

“As defesas ao mesmo tempo que nos protegem do medo da morte, podem

---

<sup>23</sup> Frase exposta em propaganda da empresa Johnie Walker - Keep Walking.

nos restringir. Há momentos em que o sujeito fica tão acuado que parece não viver. E esse não-viver, pode ser equivalente a morrer. Então surge uma situação paradoxal, em que a pessoa 'está' morta, mas 'esqueceu' de morrer: tem a chamada morte em vida" (KOVÁCS, 1992, p. 3).

A autora ainda completa dizendo que são nos momentos em que não há lugar para a morte, é que ela está mais presente, espreitando em todos os cantos. No desafio da vida, pode estar a morte, não só a do outro, mas a própria. "Entrelaçamos vida e morte, durante todo o nosso processo de desenvolvimento vital" (KOVÁCS, 1992, p. 2).

Sob o ponto de vista psicológico, o homem tem que se defender de vários modos contra o medo da morte e contra a crescente incapacidade de prevê-la, e precaver-se contra ela. Psicologicamente, ele pode negar a realidade de sua morte por certo tempo (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 26).

Porém, para BAUMAN (2007, p. 73), o medo da morte não pode ser escorraçado da vida humana. O medo primal da morte talvez seja o arquétipo<sup>24</sup> de todos os medos, o medo definitivo de que todos os outros extraem seu significado. Os perigos são concebidos como "ameaças" e derivam seu poder de amedrontar do metaperigo da morte, porém são diferentes do original, pois são evitáveis e passíveis de serem prevenidos ou mesmo adiados indefinidamente.

Diversos episódios de morte sobrevêm durante o desenvolvimento vital. Estas mortes estão relacionadas com a perda, não somente concretamente, mas também com aspectos simbólicos. Para JURKIEWICZ e ROMANO (2009) "[...] a perda, por que todos passam em vários momentos da vida, pode ser real ou fantasiosa".

No entanto "como a morte não pode ser vivida concretamente, a única morte experienciada é a perda, quer concreta, quer simbólica" (Kovács<sup>25</sup> apud JURKIEWICZ, 2008, p. 37-38).

Assim, a perda e sua elaboração são elementos contínuos no processo de desenvolvimento humano. "É neste sentido que a perda pode ser chamada de morte

---

<sup>24</sup> "O conceito de arquétipo... deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte. Encontramos esses mesmos temas nas fantasias, nos sonhos, nas idéias delirantes e ilusões dos indivíduos que vivem atualmente. A essas imagens e correspondências típicas, denomino representações arquetípicas" (JUNG, 1984, p. 352).

<sup>25</sup> KOVÁCS, Maria Júlia. Morte, Separação, Perdas e o Processo de Luto. In: KOVACS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.

consciente ou de morte vivida [...] a única morte experienciada é a perda, quer concreta, quer simbólica” (Kovács apud JURKIEWICZ, 2008, p. 8).

Portanto vivenciamos a morte de outras maneiras, não sendo o final. As mortes simbólicas são aquelas que estão relacionadas com aspectos do próprio indivíduo, como: mudança de dogmas, valores, meio onde se vive, perda de pessoas queridas, entre outros. Essas mudanças causam sofrimento, dão um corte. PIERRE (1998, p. 20) atenta para o fato de que:

“[...] O medo de perder, mudar, quebrar os dogmas estabelecidos, o apego aos valores materiais ou ao meio em que se vive fazem com que o homem não perceba e aceite que tudo é mutável e que toda transformação traz em si sempre sofrimento e conseqüentemente frustrações. Porém traz também crescimento, conhecimento interior, aprendizado espiritual e, por fim, sabedoria. Para que essa mudança possa ocorrer, precisamos nos permitir olhar para nosso interior e perceber que estamos aprisionados a padrões, conceitos resultantes de uma socialização que nega substancialmente as perdas, sejam elas de quaisquer níveis”.

Pode-se entender a morte sem vivenciá-la concretamente, apenas a partir de experiências (sonhos, fantasias, imagens, ou algo que apareça do interior) e de reflexão sobre este acontecimento nos outros. Assim fez Jung, onde refletiu sobre a morte de acordo com suas perspectivas pessoais, sem ter provas científicas à sua disposição. As idéias que ele apresenta em sua obra foram baseadas em sua própria experiência, seguindo o fluxo das imagens da alma. (JAFFÉ, 1995, p. 14).

Jung prestou ampla dedicação a estas imagens da alma. Elas aparecem arquetipicamente no decorrer da história da humanidade, como nos mitos, religiões, rituais, delírios, entre outros. A análise da vivência de pacientes, e do próprio Jung, diante da proximidade com a morte foi de fundamental importância para a psicologia analítica. Ele diz que “talvez a proximidade da morte seja necessária para que se tenha a indispensável liberdade de abordar o assunto” (JUNG, 1984, p. 260).

Complementando, JAFFÉ (1995, p. 14) comenta que as declarações de Jung baseiam-se em uma concepção na vida, que ele nunca formulou de modo tão incisivo como nesse contexto.

Para Jung o importante é prestar atenção não naqueles que já se foram, mas nos que ficaram. Esses que ficam é que passarão pela angústia da perda e terão

que continuar sua vida com a amargura, pois o que resta é um silêncio mortal e gélido.

“Não se deve lamentar os falecidos – eles levam grande vantagem sobre nós – mas deve-se lamentar antes os que ficaram, que precisam contemplar a fugacidade da existência e suportar a despedida, a dor e a solidão. [...] Invejável é o destino daqueles que ultrapassaram o limiar, mas a minha empatia está com aqueles que precisam continuar seguindo o rio de seus dias, cumprindo a tarefa da existência na escuridão do mundo, num horizonte acanhado e na cegueira da ignorância, para ver toda sua existência, outrora plena de imensa vitalidade e força, ruir pedaço por pedaço e precipitar-se no abismo do passado. Este modo de considerar a velhice seria insuportável se não soubéssemos que nossa alma vai chegar a uma região onde não será aprisionada pela mudança no tempo nem pela limitação no lugar. Nesta forma de ser, nosso nascimento é morte e nossa morte é nascimento. Os pratos da balança do todo estão em equilíbrio” (JUNG, 2002, p. 177).

Para JAFFÉ (1995, p. 21) “Jung proferiu estas palavras baseado na própria experiência, pois ele sofreu profundamente essa solidão e esse ‘silêncio gelado’ após a morte de sua mulher”. Em uma carta destinada a Laurens van der Post em fevereiro de 1956, cerca de três meses após a morte de sua esposa, JUNG (2003, p. 17) diz: “Estou feliz ao menos por ter sido capaz (ainda que não por mérito meu) de poupar à minha esposa aquilo que segue à perda de uma parceira de toda a vida – o silêncio que não tem resposta”.

Ele também teve experiência com a proximidade de sua própria morte, porém teve a oportunidade de continuar criativamente ativo até poucas semanas antes de morrer. Porém não lhe foram poupadas as horas de medo e depressão diante da perda de forças e da proximidade do fim (JAFFÉ, 1995, p. 22).

Em uma carta dirigida à Father Victor White em dezembro de 1946, JUNG (2002, p. 56) diz:

“A morte não parece iminente [...]. Confesso que tenho medo de um sofrimento duradouro. Parece-me que estou pronto para morrer, mas parece também que ainda bruxuleiam alguns pensamentos poderosos como relâmpagos em noite de verão. Todavia não são meus, eles pertencem a Deus como tudo que é digno de ser mencionado.” (JUNG, 2002, p. 56).



Cerca de um ano antes de sua morte, o medo e depressão ainda existiam. Em outra carta para Earl of Sandwich em agosto de 1960 ele escreve:

“A velhice tem apenas a metade da graça que se costuma atribuir-lhe. De qualquer modo é a gradual sucumbência da máquina corporal, com que nos identifica a loucura. Exige de fato um esforço gigantesco [...] escapar o tempo do aperto de seu abraço e libertar nossa mente para a visão da imensidade do mundo do qual constituímos uma parte infinitesimal” (JUNG, 2003, p. 277).

Entretanto, JUNG (1986, p. 358) explanou que estamos convencidos de que a morte não é senão o fim de um processo, que ordinariamente não nos ocorre conceber a morte como uma meta e uma consumação, como se faz com respeito aos objetivos e intenção de nossas vidas. Pois “[...] a morte é o ‘desapego’ total, a anulação do Eu e do mundo consciente no interior de um não-Eu desconhecido e sombrio” (JAFFÉ, 1995, p. 13).

O homem “[...] é o único a ter verdadeiramente *consciência* da morte, o único a *saber* que sua estada sobre a Terra é precária, efêmera. [...] A consciência da morte é uma marca da humanidade” (RODRIGUES, 1983, p. 18-19). Para KOVÁCS (1992, p. 6), “o espaço da morte na consciência ainda pode estar muito distante”.

Porém “[...] a alma inconsciente conhece a morte [...]” (JAFFÉ, 1995, p. 13). Sendo assim, “[...] nossa alma não é indiferente, pelo menos ao processo de morrer do indivíduo” (JUNG, 1986, p. 364). Sonhos onde a própria pessoa morre acontecem em geral no momento de uma transição difícil e dolorosa na vida real. Podendo ser interpretados como uma preparação para a morte.

Portanto, nossa consciência não conhece a possibilidade da morte, mas nossos aspectos inconscientes o reconhecem como uma etapa do processo do desenvolvimento humano.

Este processo do desenvolvimento humano foi chamado por Jung como processo de individuação.

“O processo de individuação, em última análise, não é uma mera escola de vida, mas quando bem compreendido, uma preparação para a morte. [...] não visa somente à compreensão da própria totalidade, porém no decorrer

do processo se experimenta e se reconhece no homem um poder que atua a partir do inconsciente e que pode intervir decisivamente na sua vida, passando por cima do desejo do Eu. [...] A afirmação do Si-mesmo, o desenvolvimento da personalidade, é uma relativização do Eu sem levar em conta os interesses pessoais, diante de um desejo do não-Eu autônomo, que por isso mesmo é vivenciado como numinoso” (JAFFÉ, 1995, p. 12).

Portanto, o processo de individuação não depende do nosso desejo consciente para ser realizado, do nosso eu, é um poder inconsciente que atua decisivamente em nossas vidas. Durante a vida nos preparamos para o seu fim, a morte, mas também para nossa totalidade, para a realização deste processo. A psique contém a imagem e o sentido da morte.

Para Jung, o sentido da vida é como uma ampliação crescente da consciência, com todas as conseqüências espirituais, religiosas e éticas. Assim também se pode compreender que o surgimento da consciência se equivale com uma individuação, podendo ser comparado com o fato de que cada pessoa tem de trilhar um caminho de destino próprio, uma individuação pessoal, para realização do sentido da sua vida (JAFFÉ, 1995, p. 16).

Compreender a morte traz um novo conceito de vida, da lealdade e também de felicidade. É ir ao fundo da alma, no interior, onde tudo é transformador. Ao emergirmos de lá, nos tornamos mais sábios e capazes de acompanhar o processo complexo que é a própria vida. No mergulho da alma, compreendemos a natureza e ressurgimos com lições para perceber novos caminhos (PIERRE, 1998, p. 24).

Para isso seja possível, “seria necessário [...] aceitar a idéia de morte, preparar-se para ela e, chegando o momento, relaxar, abandonar-se, aceitar plenamente a lei da natureza [...]” (BAYARD, 1996, p. 45).

KOVÁCS (1992, p. 8) diz que nos podemos “preparar para a morte vivendo intensamente, obviamente não estamos falando de negar a morte, ou esconder o sol com uma peneira, mas de conviver com ela em busca do seu significado” (KOVÁCS, 1992, p. 8).

Jung viu o sentido da vida com uma ampliação da consciência, com suas conseqüências espirituais, religiosas e éticas. Vendo a vida como o processo de individuação, a velhice e a morte podem estar imbuídas com um significado particular. Podemos considerar que a morte ocorre quando se atinge a meta do processo (JAFFÉ, 1995, p. 16).

“Segundo os budistas, ou seja, de acordo com sua religião e filosofia, a morte é o momento de máxima consciência, e os homens iluminados lembram suas mortes e suas outras vidas” (KOVÁCS, 1992, p. 1).

JUNG (1999, p. 143) relatou ter conhecido muitas pessoas que morreram quando haviam realizado tudo que eram capazes de fazer. Na medida em que a vida dessas pessoas estava plena, tudo dito, tudo realizado, não sobrando mais nada. Assim ele conclui que a resposta para a vida humana não está dentro dos limites desta vida.

A morte completa um ciclo. Porém, referindo-se ao suicídio, HILLMANN (2009, p. 69) diz que “qualquer morte anterior ao ciclo completo é obviamente prematura”. Porém ele acrescenta que não se sabe em que ponto da curva de longevidade é provável que cada vida entre na morte.

“A concepção de Jung sobre a vida como uma tarefa de individuação, colocada pelo transcendente, que se realiza na morte, determinou também seu enfoque a respeito do suicídio. [...] Sob certas condições, ele reconheceu que o suicídio estaria justamente inserido no plano da vida, na experiência” (JAFFÉ, 1995, p. 19).

Também não sabemos que impacto tem a passagem do tempo sobre a morte, e nem se a alma é mortal.

A escolha consciente da morte tem um significado essencial para a individualidade, pois requer coragem. A coragem tem sido associada a argumentos suicidas. É preciso coragem para enfrentar a vida e é preciso para adentrar no desconhecido por sua própria decisão. Alguns escolhem a vida por terem medo da morte e outros escolhem a morte por terem medo da vida (HILLMANN, 2009, p. 69-70).

Por outro lado, a opção da morte pelo medo vida pode significar o oposto da coragem, a covardia. Pois há uma recusa em enfrentar as demandas da vida, como se a morte fosse uma fuga, uma maneira de extinguir o problema.

Já em seus últimos anos, Jung fez uma espécie de retirada para dentro de seu estado interior. Ele teve uma mudança iniciada bem cedo da sua percepção do tempo. Nosso mundo se tornou uma realidade cada vez mais distante, quase inexistente (JAFFÉ, 1995, p. 23).

Nesta carta para Dr. Adolf L. Vischer escrita em março de 1951 mostra uma evidência clara do fato:

“A iminência da morte e a visão do mundo *in conspectu mortis* são de fato experiências singulares: a sensação do presente se alarga para além do dia de hoje, revendo séculos passados e tentando adivinhar um futuro ainda por nascer” (JUNG, 2002, p. 186).

Para JAFFÉ (1995, p. 23) “seria como se a alma já estivesse retornado ao misterioso solo do seu Ser, fora do tempo e do espaço”.

“[...] Diante da morte, ‘o implacável confronto com o Si-mesmo’ força o homem a completar a parcela de sua individuação que ainda lhe é possível antes de morrer. [...] A tomada de consciência da própria sombra parece ter extraordinário significado para o moribundo” (JAFFÉ, 1995, p. 17).

Na presença da proximidade com a morte a consciência é rebaixada, oferecendo, assim, espaço para que o inconsciente apareça. Proporciona uma experiência inconsciente que poderá acarretar em outra significação para a vida, o remanescente para a individuação. Talvez por este motivo, ante a morte, a consciência da existência de Deus está presente, pois se está em confronto com o Si-mesmo.

JAFFÉ (1995, p. 23) revela um sonho significativo de Jung que ele expôs nos últimos dias de sua vida, trazendo a certeza e o consolo de haver concluído sua obra da sua vida e de haver alcançado a meta da individuação. “Nele Jung via uma grande pedra redonda colocada sobre um pedestal elevado, com a seguinte inscrição: ‘Como sinal da tua Totalidade e da tua Unidade’”.

## 5. ANÁLISE DA TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO DO HOMEM COM A MORTE

A morte sempre foi de fundamental importância para todas as sociedades e culturas. Para os indivíduos conseguirem construir intelectual e afetivamente suas identidades, têm a necessidade de um mito do fim, assim como um mito de sua origem. “Por-se-ia até dizer que cada cultura representa um estilo particular de morrer” (RODRIGUES, 1983, p. 35).

O autor explica que os seres humanos, como já foi exposto, são os únicos seres conscientes da sua mortalidade. Esta consciência faz parte da adaptação dos homens ao mundo, que é a cultura, e está em relação com a significação do indivíduo no corpo social. É pela consciência da morte que o homem se distingue dos outros seres vivos e sua vida adquire o que ela tem de mais fundamental.

A existência da cultura, quer dizer, de um patrimônio coletivo de saberes, normas, regras, só tem sentido por que as antigas gerações morrem e porque é necessário transmiti-la continuamente às novas gerações. Morrer e renascer faz parte do processo de transformação. “A morte, em suma, será sempre uma *transformação*” (RODRIGUES, 1983, p. 42).

“A morte de um indivíduo é a ocasião em que o grupo, no mais amplo sentido do termo, produz a sua reprodução, tanto nos planos cultural, simbólico, e ideológico, como no plano das estruturas sócio-econômicas. [...] Uma sociedade se estrutura não apenas *apesar* da morte e *contra* a morte, mas ela *contém* a morte em si [...]” (RODRIGUES, 1983, p. 21-22).

Para MARANHÃO (1998, p; 62) a tentativa de elucidar o significado da morte, ocorre desde os Vedas<sup>26</sup> até o atual movimento existencialista. Constitui uma das tarefas centrais de alguns dos nossos principais sistemas de pensamento filosófico.

ANJOS (1998, p. 1) expõe que se forem analisadas as diferentes visões filosóficas verifica-se que o sentido da morte não é sempre o mesmo. Existe uma diferença na maneira pela qual um filósofo a estuda e o significado que cada indivíduo lhe atribui e esses aspectos refletem no sentido da morte atribuída a cada época.

---

<sup>26</sup> Textos sagrados indianos, escritos há aproximadamente três mil anos.

Ante os diversos relatos sobre como o homem se relacionou e se relaciona com a morte, evidencia-se que a transformação não aconteceu no homem, mas na sua maneira de lidar com este acontecimento.

Pois “a morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis. O que mudou foi nosso modo de conviver e lidar com a morte, com o morrer [...]” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 17).

O homem, que sempre mediu forças com a morte, viu-a como inimiga que arrebanha e, num poder de sedução maior, domina a vida. O símbolo da foice, freqüentemente usado nas representações da morte, dá esta idéia de corte (KOVÁCS, 1992, p. 8).

Para JUNG (2008, p. 32), a consciência dos primitivos era insegura e se sustentava sobre pés hesitantes. “Ele é infantil, recém-saído das águas primordiais. [...] Por isso, os primitivos temem os afetos (emoções) descontrolados, pois neles a consciência submerge com facilidade, dando espaço a possessão”. Por isto todo o esforço da humanidade concentrou-se na consolidação da consciência. Os ritos seriam para esse fim, assim como os dogmas.

Pode-se dizer que nossos ancestrais estavam mais próximos do inconsciente, seu ego não se afastava tanto do inconsciente. “Nossos ancestrais pensavam na morte e em sua própria natureza íntima como literalmente unidos na mesma respiração” (KASTENBAUM; AISENBERG, 1983, p. 1).

“Em última análise, estes se fundamentam em formas arquetípicas primordiais, cuja concretude data de uma época em que a consciência ainda não *pensava*, mas *percebia*. O pensamento era objeto da percepção interior, não era pensado, mas sentido como fenômeno, por assim dizer, visto e ouvido. O pensamento era essencialmente revelação, não era algo inventado, mas imposto ou algo que nos convencia por sua realidade imediata. O pensar precede a consciência do eu primitivo e esta é mais seu objeto do que sujeito. Mas nem nós escalamos ainda o último pico da consciência e temos portanto um pensar preexistente, de que não temos consciência enquanto nos apoiarmos em símbolos tradicionais: na linguagem do sonho, enquanto o pai ou rei não tiverem morrido” (JUNG, 2008, p. 42-43).

Porém o lado mítico do homem atual se encontra frequentemente frustrado. O

homem não sabe mais fabular. Com isso ele perde muito, pois é importante e saudável falar sobre aquilo que o espírito não pode apreender (JUNG, 1984, p. 260-261). O homem perdeu o contato com seus aspectos da alma, hoje seu ego, seu consciente, domina o modo de agir e de pensar, permanece em demasia.

“A desvalorização do mito da morte, fruto de uma cultura moderna e dissociada, baseada na razão e na tecnologia, deixam o homem atual distanciado dos movimentos arquetípicos da transformação e do confronto com a morte” (CALLIA, 2005, p. 12).

Para JUNG (1986, p. 99) a psicologia é a ciência que demonstra mais claramente a mudança espiritual da Antiguidade clássica para a idade moderna. Até o século XVII, sua história consiste em enumerar as doutrinas referentes à alma, sem que se pudesse se fazer como objeto de investigação. Ela parecia tão completamente conhecida de qualquer pensador, sendo este estar convencido de que não haveria necessidade de qualquer experiência complementar ou mesmo objetivo. Porém, do ponto de vista moderno, esta posição é totalmente alheia. Hoje somos de opinião que, além de qualquer certeza subjetiva, precisamos ainda da experiência objetiva para fundamentar uma opinião que pretenda ser científica.

Hoje frequentemente se busca somente o que é concreto, o que podemos entender e vivenciar racionalmente. Tudo aquilo que não é compreendido pela razão é rechaçado.

“Aprendemos hábitos, atitudes e comportamentos que nos trazem conflito interior e situação de difícil resolução. Nunca nos é ensinado a renunciar a apegos materiais ou emocionais. Isto é rechaçado de nossa vida desde muito cedo. Só aprendemos a buscar e obter prazer e vitórias, a ter fascínio pelo poder e nunca a encara a dor, formando assim a estrutura da auto-imagem e do ego, que formam o homem não espiritualizado. Então, nos transformamos em prisioneiros de nosso próprio ego [...] só aceita o que é concreto, infinito, pois teme tudo o que termina e traga dor. Luta de todas as maneiras para evitar a finitude do que quer que seja, agindo de modo a negar o desprazer e a dor, impedindo que se aprenda a verdade sobre a morte. Assim, continuamos a negá-la em todas as circunstâncias, na sociedade progressista que se recusa a pensar na sua própria finitude” (PIERRE, 1998, p. 21).

O autor ainda comenta que se fala muito mais da vida, pois a morte é

ameaçadora e constrange. Hoje, falar da morte traz angústia e ansiedade, porque se confronta com a finitude, temporalidade e frustração. Falar sobre a morte é tabu ainda no fim do século XX. No entanto, em séculos passados a “arte de morrer era a arte de viver”, onde a única coisa a fazer era deixar a morte acontecer, em paz, tranquila e sem impedimento.

“Nossa época colocou a tônica no homem daqui, suscitando assim uma impregnação demoníaca do homem e de todo seu mundo. [...] os homens foram despojados de todo o sentido do além, pela visão curta de seres que se acreditavam muito inteligentes. Assim o homem tornou-se presa do inconsciente. Sua maior tarefa, porém, deveria ser tomar consciência daquilo que, provido do inconsciente, urge e se impõe a ele, em vez de ficar inconsciente ou de com ele se identificar. [...] À medida que somos capazes de discernir, o único sentido da existência é acendermos a luz nas trevas do ser puro e simples. Pode-se mesmo supor que da mesma forma que o inconsciente age sobre nós, o aumento de nossa consciência tem, por sua vez, uma ação de ricochete sobre o inconsciente” (JUNG, 1984, p. 282).

Sobre a morte, foram construídos sistemas lógicos abrangentes e coerentes, demonstrando uma seriedade e qualidade de reflexão. Trata-se de ricos saberes de combinar o tudo e o nada, a angústia, e o alívio, a tristeza e a alegria, a falta e a substituição, o inteligível e o incompreensível, o aqui e o além, a vida e a morte. Estes sistemas foram construídos para “logicizar” o absurdo que ameaça fazer da lógica um absurdo. O homem não pôde encontrar outra solução que se não a rejeição da morte. Há interminável dialética de rejeição da morte, que consiste ao mesmo tempo em viver a vida e matar a morte, em viver a morte e matar a vida (RODRIGUES, 1983, p. 35).

Hoje “uma imagem nova da morte está aparecendo entre nós, característica provavelmente exclusiva de nossa civilização: a morte é um *desaparecimento*” (RODRIGUES, 1983, p. 42). As atitudes diante da morte perderam o significado, elas acontecem e quase instantaneamente são esquecidas.

Uma característica comum diante da morte, era a busca pela imortalidade, onde o homem sempre a buscou, desafiando e tentando vencer a morte. KOVÁCS (1992, p. 2) relata que “nos mitos e lendas essa atitude é simbolizada pela morte do dragão ou monstro. Os heróis podem conseguir tal façanha, mas os mortais não. E o



homem é um ser mortal, cuja principal característica é a consciência da finitude [...]”.

Entretanto a questão da imortalidade mobiliza o homem desde seu aparecimento sobre o mundo. A principal preocupação da reflexão humana é a relação entre vida e morte, sendo a base de sua angústia existencial (PIERRE, 1998, p. 19). Para ANJOS (1998, p. 1). “A crença na imortalidade, na vida depois da morte simboliza bem a recusa da própria destruição e o anseio de eternidade”.

Para JAFFÉ (1995, p. 14) “[...] o homem que crê numa vida eterna e organizada e num ser formulado organizadamente após a morte, está em sintonia com as imagens arcaicas impressas na sua alma”. Ele estaria interligado com a natureza básica da alma, e sua vida torna-se uma unidade maior, mais plena.

“O próprio homem carrega dentro de si o desejo de imortalidade, para melhor viver, continuar vivendo sem pensar na morte que será o fim de todos os projetos e realizações terrenas” (BOGALHOS, 1984, p. 44).

Porém, pode-se dizer que a continua transformação da humanidade segue o processo que Jung chamou de processo de individuação. Para ele este processo corresponde ao decorrer natural de uma vida, onde o indivíduo se torna o que sempre foi. É um processo por meio do qual o ser humano evolui de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, o que implica uma ampliação da consciência.

Entretanto, não é pelo fato de o homem ter consciência, que este processo ocorre sem dificuldades. A consciência se desvia da base arquetípica instintual, pondo-se em oposição a ela, no caso da morte. Resultando assim da necessidade de uma síntese de duas posições entre consciente e inconsciente.

“O método terapêutico da psicologia complexa consiste por um lado numa tomada de consciência, e por outro lado numa síntese dos mesmos com a consciência através do ato cognitivo. Dado que o homem civilizado possui um grau de dissociabilidade muito elevado e dele se utiliza continuamente a fim de evitar qualquer possibilidade de risco, não é garantido que o conhecimento seja acompanhado pela ação correspondente” (JUNG, 2008, p. 49).

O indivíduo deve identificar-se menos com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra e mais com as orientações derivadas do Si-mesmo, a totalidade de sua personalidade individual. Ter consciência dessa totalidade é a

meta de desenvolvimento da psique. Eventuais resistências em permitir o desenrolar natural do processo de individuação é uma das causas de sofrimento, uma vez que o inconsciente tenta compensar a unilateralidade do indivíduo através do princípio da enantiodromia<sup>27</sup>.

Para JUNG (2008, p. 135) os processos de transformação pretendem aproximar essas duas posições, a consciência, porém, resiste a isso. O outro, o inconsciente, lhe parece de início como algo estranho e inquietante, e não podemos acostumar-nos à idéia de não sermos senhores absolutos na própria casa. Preferimos ser sempre o *eu* e nada mais.

“Uma vez que os arquétipos são relativamente autônomos como todos os conteúdos numinosos, não se pode integrá-los simplesmente por meios racionais, mas requerem um processo dialético, isto é, um confronto propriamente dito [...]” (JUNG, 2008, p. 49).

Com o passar o desenvolvimento histórico e cultural da humanidade, os indivíduos se tornaram cada vez mais materialistas, no entanto outros aspectos foram esquecidos e banalizados, no caso da morte. Diferentemente do passado, a morte não é mais vivida como algo natural, como o destino para qual sempre aspiramos. Tornou-se algo a ser desvalorizado, a ser vencido, pois a morte é a inimiga a ser combatida, é um impedimento de nossos planos.

O homem se torna mais consciente de si mesmo com o passar de sua vida, até o momento de sua morte. A humanidade obedece ao mesmo princípio, onde com o passar de gerações pôde desenvolver sua conscientização. Mas apesar disto, frequentemente se polariza apenas para um aspecto, para a vida, esquecendo de viver o outro lado.

Para que este processo de individuação sobrevenha, os opostos, morte e vida, devem ser vivenciados como aspectos análogos. Quando a polarização tende para um dos lados o processo é estancado, sendo que o outro lado torna-se inconsciente, tendo uma maior autonomia na psique.

No entanto, nos dias atuais, evidencia-se o fato do homem estar buscando uma maneira de resgatar os aspectos perdidos. Um grande movimento a procura do Si-mesmo. Um reflexo disto é a frequente busca pela religiosidade.

Sobre isto, entende-se que o processo de individuação ocorre tanto no

---

<sup>27</sup> Jung utilizou este termo para se referir à ação inconsciente, conflitante com os desígnios da mente consciente, na idéia de uma relação entre opostos.

microcosmo, ou seja, no indivíduo, como no macrocosmo, na sociedade com um todo, de maneira semelhante. Sendo inteiramente conexo com a posição do homem diante da morte em diferentes épocas da história da humanidade.

Os homens da antiguidade tinham conhecimento de sua própria morte. O avanço do materialismo científico distanciou o homem da morte e de tudo o que pode ser natural, como o adoecer e o falhar.

Isto se deve ao fato de que o ego do homem na antiguidade era menos eficiente, hermético, mais próximo do natural. Transitando mais pelo inconsciente. Hoje o ego do homem é rígido, eficiente e hercúleo. Isto mostra que quanto mais rígido e separado do inconsciente for o ego, maior o temor da morte. Porém, quanto mais flexível for o ego e relacionado aos temas arquetípicos da vida, como a morte, menos o medo de morrer.

Uma pessoa pode ser tomada por pensamentos avassaladores sobre a morte, obsessivos por vezes e desenvolver rituais para se proteger destes. Em olhar mais amplo uma cultura pode estar obsessivamente se defendendo da morte também com seus rituais consumistas de saúde e vida.

Certamente uma psique fragilizada por terríveis pensamentos sobre a morte também necessitaria lidar com a morte, pois estar tomado é também estar inconsciente.

Um ego muito frágil também não é salutar, pois pode ficar à mercê do inconsciente - as imagens do inconsciente também podem fragilizar a psique.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é parte de um ciclo natural, sempre acompanhou as civilizações desde seu início e segue o homem desde seu nascimento. É o destino do qual não podemos fugir. O homem, desde os tempos mais antigos, sempre se relacionou com a morte, atuando ou refletindo.

Cada cultura cria a sua própria maneira de agir acerca da morte, criando rituais, dogmas e crenças singulares. Porém, o temor e desejo de transcender a morte sempre esteve presente. Apesar disto, a morte era vivenciada como o destino de todas as almas.

No momento em que o homem passou a se tornar consciente, com o desenvolvimento econômico e científico, a morte perdeu consideravelmente seu espaço na existência da humanidade. Hoje ele luta desesperadamente para acrescentar alguns dias de sobrevivência, prevenindo-se contra doenças, utilizando-se de diferentes maneiras para manter seu corpo saudável.

O aspecto econômico está diretamente ligado a maneira pela qual o indivíduo irá enfrentar a morte, de como irá morrer e como será velado. Nas culturas antigas o que influía na maneira de ser velado era a forma como se morria como se encarava a vida, o fator econômico não era tão relevante.

Naqueles tempos morrer devagar era uma dádiva, pois o indivíduo teria tempo para refletir sobre sua morte e fazer as devidas despedidas e recomendações para as pessoas próximas. Hoje o quanto mais rápido se morre melhor, sorte daquele que morre dormindo ou sem sofrimento. Tornou-se algo instantâneo, para acontecer rapidamente e ser esquecido da mesma forma.

A morte se transformou em um aspecto banalizado. No entanto a negação da morte reflete diretamente em uma negação da vida. A sociedade que está presa no jovem, esquece de envelhecer e, contudo, de morrer. Ela é imêmore da vida, está morta, mas esqueceu de morrer.

A sociedade ocidental, com sua glorificação da vida, nega cada vez mais a consciência da morte, mas se morre todos os dias dentro deste princípio que apaga a verdadeira expressão da vida.

Não se sabe realmente como devemos enfrentar a morte, ela angustia. Ela separa, aniquila o ser, interrompe a história do indivíduo. Ela causa medo, por isto

foi banalizada. Mas o temor desaparece na medida em que a encaramos.

Apesar de se conhecer que a vida é acompanhada pelo sofrimento, deve-se refletir sobre eles, buscando uma vida real. Saber morrer é um ato de longa aprendizagem, que acontece a cada dia, pois se morre dia após dia, até a morte concreta.

O ego se estrutura na medida em que o homem se desenvolve. O homem da antiguidade possuía um ego menos eficiente, estava mais conexo com as imagens da alma, sob maior influência do inconsciente. Na medida em que a humanidade se desenvolveu, seu ego se tornou mais rígido e eficiente, o homem se distanciou das imagens do inconsciente e conseqüentemente da possibilidade da morte. A morte, sendo banalizada e ignorada, tende a ter maior autonomia no inconsciente, pois não se pensa sobre algo do qual não temos consciência.

Para que o processo de individuação aconteça, a relação entre opostos é fundamental, inconsciente e consciente, vida e morte. Somente assim o homem se torna um ser completo, digno da totalidade.

Evidencia-se que no decorrer do desenvolvimento das civilizações, o processo de individuação esteve presente tanto macrocosmo, assim como acontece da mesma maneira no microcosmo. É um processo sucessivo de transformação e aprendizado, onde a busca pela totalidade da alma é transcendental a compreensão.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Maurício Gomes dos. **Sentido Filosófico da Morte**. 1998. 47 f. Monografia (Graduação em Filosofia) - Faculdade Arquidiocesana de Filosofia; Curitiba, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido Oculto dos Ritos Mortuários: Morrer é morrer?**. São Paulo: Paulus, 1996.

BOGALHOS, Joaquim Carlos Lopes; MARANHÃO, José Luiz de Souza; ROCHA, José Batista. **O homem diante da morte**. 1984. 48 f. TCC (Graduação em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Curitiba, 1984.

CALLIA, Marcos H. P. Introdução. In: OLIVEIRA, Marcos Fleury de; CALLIA, Marcos H. P. (orgs). **Reflexões Sobre a Morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005.

COSTA, Ricardo da. A Morte e as Representações do Além na Idade Média: Inferno e Paraíso na obra Doutrina para crianças (c. 1275) de Ramon Llull. **Pequena Morte**, n. 17, jun/jul, 2009. Disponível em <<http://pequenamorte.com/2009/06/24/a-morte-e-as-representacoes-do-alem-na-idade-media-inferno-e-paraiso-na-doutrina-para-criancas-c-1275-de-ramon-llull-1-ricardo-da-costa/>> acesso em 10 ago. 2010.

EDINGER, Edward F. **Anatomia da Psique: O simbolismo alquímico na psicoterapia**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FREY-ROHN, Liliane. Experiência da Morte à Luz da Psicologia. In: JAFFÉ, Aniela; FREY-ROHN, Liliane; FRANZ; Marie-Louise von. **A Morte à Luz da Psicologia**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

HILLMAN, James. **Suicídio e Alma**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

JAFFÉ, Aniela. **O Mito do Significado: na obra de C. G. Jung**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

\_\_\_\_\_. A Visão de C. G. Jung Sobre a Morte. In: JAFFÉ, Aniela; FREY-ROHN, Liliane; FRANZ; Marie-Louise von. **A Morte à Luz da Psicologia**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Cartas**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Cartas**. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Cartas**. Petrópolis: Vozes, 2003. v. 3.

\_\_\_\_\_. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

JURKIEWICZ, Rachel; ROMANO, Bellkiss Wilma. **Vivência de Perdas: Relação entre eventos significativos, luto e depressão, em pacientes internados devido a doença arterial coronariana**. 2008. 193 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Doença arterial coronariana e vivência de perdas. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo, v. 93, n. 4, Oct. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0066-782X2009001000007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2009001000007&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 18 ago. 2010.

KASTENBAUM, Robert; AISENBERG, Ruth. **Psicologia da Morte**. São Paulo: Pioneira, 1983.

KOVÁCS, Maria Júlia. Representações de Morte. In: KOVÁCS, Maria Júlia (org.). **Morte e desenvolvimento humano**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

\_\_\_\_\_. Morte no Processo de Desenvolvimento Humano. A criança e o Adolescente Diante da Morte. In: KOVÁCS, Maria Júlia (org.). **Morte e desenvolvimento humano**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LAFER, Mary de Camargo Neves. **Hesíodo. Os Trabalhos e os Dias**. São Paulo:

Iluminuras, 1990.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a Viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é Morte**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Europa - América, 1997.

OLIVEIRA, André Santos; VOLPE, Neusa Vendramin. **O homem e a morte**. 2000. 49 f. TCC (Graduação em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Curitiba, 2000.

PIERRE, Clarice. **A Arte de Viver e Morrer**. Cotia: Ateliê Editorial, 1998.

REIS, Maria Cecília L. G. dos. A Morte e o Sentido da Vida em Certos Mitos Gregos Antigos. In: OLIVEIRA, Marcos Fleury de; CALLIA, Marcos H. P. (orgs). **Reflexões Sobre a Morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

STIGAR, Robson. As influências do renascimento na filosofia. **Web Artigos**. 2008. Disponível em <<http://www.webartigos.com/articles/6166/1/As-Influencias-Do-Renascimento-Na-Filosofia/pagina1.html>> acesso em 13 set. 2010.

WENTH, Renata Cunha. No Processo de Adoecer. In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro (org.). **Puer-Senex: dinâmicas relacionais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 152-169.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 26, n. 1, 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732003000100004&lng=pt&nrm=iso/](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732003000100004&lng=pt&nrm=iso/)> acesso em 07 jul. 2010.